

**Ir. Basilio Rueda Guzmán
HOMEM DE DEUS**

Caderno 5

**POBREZA, CELIBATO, OBEDIÊNCIA.
UM SANTO?**

IR. GIOVANNI BIGOTTO

1

O VOTO DE POBREZA

Como para todos os votos, o da pobreza evangélica é um universo que pede o coração e a vida, que tem alma e corpo, isto é, que é primeiramente fruto da fé e do amor e se torna depois um estilo de vida. Para entrar na pobreza de Basílio, ouviremos, de início, as testemunhas, depois perguntaremos ao próprio Basílio que nos mostre sua maneira de encarar a pobreza e, portanto, como a vivia na fé e, finalmente, qual foi sua pobreza como Superior-Geral.

1.1. Os testemunhos

«...Desses homens que, sob a ação do Espírito Santo, oferecem aos demais tudo o que são, homens que vivem em constante solicitude para o bem dos outros.» Foi a citação conservada como cabeçalho da celebração realizada na Casa Geral por ocasião da morte do Irmão Basílio. Foi exatamente assim que o conjunto dos Irmãos e amigos de Basílio o viram: homem inteiramente doado, constantemente solícito para o bem do próximo. Estamos, assim, no âmbito pleno da pobreza, em contraposição ao egoísmo.

Abordemos o Irmão Basílio, pobre, ouvindo o depoimento dos que viveram com ele e se mostraram sensibilizados com os aspectos de sua pobreza.

O Irmão Hilário Schwab divide em duas partes seu testemunho a respeito do Irmão Basílio: O Superior e Pastor, e Um homem pobre. Esta segunda parte, toda nuançada, diz: «Na riqueza variadíssima da personalidade do Irmão Basílio, gostaria de salientar também o aspecto de sua pobreza evangélica, que sempre admirei e ainda vejo nele. Não apenas em curso de espiritualidade o ouvi falar durante uma semana inteira a respeito da pobreza, mas constatei que ele procedia em todas as circunstâncias como homem profunda e *evangelicamente pobre*. Como homem evangelicamente pobre, uma primeira característica, segundo meu modo de ver, é que *desenvolveu e cultivou* com assiduidade e em profundidade todos os talentos pessoais da natureza e da graça. Acode-me à memória a imagem da *‘árvore fecunda plantada à beira das águas que frutifica sempre a seu tempo’*.¹ A segunda característica dessa pobreza foi de *estar sempre à disposição e a serviço* da Igreja, da Congregação e dos seus

¹ Salmo 1.

Irmãos. A terceira característica de sua pobreza, que me apraz recordar, foi *sua busca constante do bem superior*. Por fim, assinalaria como característica de sua pobreza: *sua simpatia e alegria no relacionamento fraterno* somente pelo fato de estar com os Irmãos ou para encorajar, dinamizar, ouvir... ou... sentir-se bem. Apenas Deus sabe o bem imenso que o Irmão Basílio, filho de Maria e de São Marcelino, significou para a Igreja, para o mundo e para os Irmãos». ² Para o Irmão Sebastião Ferrarini, seu colaborador, Basílio «tinha um grande senso da pobreza... Dava-nos exemplos simples e profundos da realidade do mundo. Dizia que era impensável que uma comunidade marista pudesse passar a festa de Natal ignorando os pobres». ³ O Irmão Alessandro di Pietro, Procurador e Postulador-Geral, narra com que facilidade Basílio se desfazia dos presentes que recebia como Superior-Geral, donativos que estavam expostos em seu escritório: «Como bom psicólogo e conhecedor dos gostos dos Irmãos, oferecia espontaneamente o que lhes poderia agradar, acompanhando o presente com o sorriso que lhe era natural e com palavras de afeto. Era imprudente elogiar algum objeto exposto: imediatamente, levado pela generosidade, o Irmão Basílio convidava o visitante a levar o objeto que tivera a ingenuidade de louvar». ⁴ Entretanto o essencial do depoimento do Irmão Alessandro refere-se à capacidade de escuta paciente e alegre dos Irmãos, que podiam vir ter com ele, não importa em que momento e permanecer o tempo que desejassem. Basílio não mais se pertencia, doava-se aos Irmãos. Mas como resistir ao desejo de citar casos concretos? O Irmão Victorino de Arce, da Província de Madri, foi enviado ao México para ajudar o Irmão Basílio no noviciado, e somente o deixou pouco tempo antes da doença final. Ele escreve em estilo de diálogo: «– Diante de minha escrivantina tenho um pequeno despertador que o senhor conhece. Foi o senhor que mo deu poucos dias depois de minha chegada ao México. As auroras e os crepúsculos ainda eram incertos para mim. – ‘Assim você descansará melhor’, o senhor me disse. E na véspera de minha partida, quando quis devolvê-lo: – ‘Eu lho devolvo. Obrigado!’ – ‘Será que não lhe poderia ser útil?’, o senhor me perguntou, fitando-me nos olhos. – ‘Sem dúvida que me poderia servir, mas é seu’. – ‘Tenho outro’, foi sua resposta e seu sorriso. O despertador traz a inscrição: Basilio Rueda Guzmán, com certeza, algum presente de um de seus amigos... Obrigado pela lembrança, vou conservá-la como relíquia». ⁵ O Irmão Gabriel Michel, seu Secretário-

² Ir. Hilário Schwab, Córdoba, Argentina – Natal de 2001.

³ *O Estilo de uma Vida*, p. 41.

⁴ *FMS-MENSAGEM*, n.º 19, maio de 1996, versão espanhola, p. 45.

⁵ Suplemento n.º 71 de *Madrid Marista*, abril de 1996, p. 3.

Geral de 1967 a 1974, informa-nos qual era a vontade de Basílio na Casa Geral a respeito das pessoas necessitadas: que não se rejeitasse ninguém.⁶ Seus noviços citam vários casos concretos de pessoas acolhidas, cuidadas durante dias ou até convidadas à mesa. No seu programa de formação, havia um tempo para a visita de famílias pobres ou de doentes. No testemunho coletivo, os noviços garantem que «o Irmão Basílio foi: ...um Irmão de grande generosidade e também muito exigente. Praticava ele próprio em primeiro lugar o que pedia aos demais... Ao solicitar a você de se comprometer, ele se comprometia com você. Um Irmão sensível ao sofrimento e que nos convidava à solidariedade. Em certa ocasião exclamou: «Degenerado quem não quisesse ir às missões!». ...No noviciado criou um setor especial com o objetivo de cuidar de certas pessoas necessitadas que encontrássemos no decorrer do apostolado... O Irmão Basílio foi homem pobre para si, mas generoso para com o próximo».⁷ Citemos um caso concreto de delicadeza em relação aos necessitados. É o Irmão Conrado Trascasa García, Provincial de Madri no tempo do Irmão Basílio, quem no-lo comunica: «Certo dia, disse-me que gostaria de ir ao Escorial e voltar para o almoço. Tudo correu normal até o regresso. Ao chegar perto de Madri, vimos deitada ao lado da estrada uma pessoa de idade mediana pobremente vestida. Pedi-me para parar. Desceu rápido do carro. Certificou-se de que não tinha nenhum ferimento e que se tratava de falta de comida. Demos-lhe carona. Chegados perto de uma estação do metro, Basílio me perguntou: ‘Você tem dinheiro?’. Abri a sacola e encontrei seis mil pesetas. ‘Vamos parar perto daquele bar para que ele possa comer algo e deixe-lhe o restante do dinheiro. Quando chegarmos em casa, você colocará isso na minha conta...’. Observei que não estava inteiramente satisfeito, embora tivesse de viajar na mesma noite. Perguntou-me se acharia ruim regressar ao bar para pedir informações desse pobre. Evidentemente no bar ninguém o conhecia nem podia informar o que lhe teria acontecido».⁸ Na Congregação, todos admiramos sua capacidade de trabalho que o levava, muitas vezes, noite a dentro. Trabalhar e trabalhar muito deveria ser uma das características dos que emitem voto de pobreza. O desocupado nunca pode ser pobre em espírito. Outro aspecto, muitas vezes recordado por seus amigos, é sua simplicidade e alegria: dois traços distintivos da alma que vive a primeira bem-aventurança, como se deu com São Francisco de Assis, que Basílio gostava de lembrar nas palestras.

⁶ *Quero despertar a aurora*, p. 41.

⁷ *FMS-MENSAGEM*, n.º 19, maio 1996, p. 50.

⁸ Testemunho do Ir. Conrado Trascasa García, 24 de novembro 2002.

1.2. Os sinais

Há uma infinidade de traços na vida de Basílio que permitem adivinhar um coração de pobre. Vamos apresentá-los grosso modo, tais como a memória os conserva. Ele admira um menino de doze anos que se torna engraxate para ganhar a vida e a de dois irmãozinhos; fará tudo para lhe assegurar educação gratuita.⁹ Recomendava aos Irmãos de ajudarem a Madre Teresa, se tivesse necessidade de alojamento, de ser apresentada a determinados organismos...¹⁰ Terminado seu segundo mandato, sonhava ser missionário em Moçambique ou na Angola,¹¹ porque essas duas missões viviam em situações difíceis e em grande pobreza. Foi com os Irmãos dessas duas missões que manteve maior correspondência, para animá-los como pai e testemunhar-lhes interesse e afeição. Certa religiosa dos Camarões dá a conhecer ao Irmão Basílio o caso de um adolescente que necessita de cuidados e depois de estudo. Pede ao Ecônomo-Geral de acompanhar esse caso e cobrir as despesas. Às casas editoras, que publicam seus livros, sugere que doem aos pobres a renda de seus direitos autorais. Por vários anos, garante honorários das missas a um sacerdote da Argentina em situação financeira difícil. Acompanha os Irmãos egressos e se preocupa com sua situação social e econômica; com frequência procura-lhes lugares de trabalho. Não deixa de ser sensível às precárias condições financeiras de alguns conventos e anualmente remete-lhes ajuda substancial. Sabemos também que, no esforço de renovação solicitada pelo Vaticano II, impõe à Congregação dois grandes eixos: abrir-se aos *pobres* e empenhar-se de modo mais sistemático a favor das *missões*.¹² Em 15 de julho de 1968, no período intermediário do Capítulo Especial, escreve uma circular de seis páginas sobre as missões. É fruto de sua viagem à África, de seu contato com um mundo pobre, mas muito sedento do Cristo. O objetivo da carta é convidar o Capítulo a traçar um programa de missão e um calendário para a sua execução, de maneira que «um esforço sério, planejado e progressivo, em nível de Instituto, seja feito durante o Capítulo».¹³ Nesses mesmos anos, sobreveio a guerra do Biafra, na Nigéria: uma guerra civil com todas as atrocidades que ela acarreta. De que forma Basílio se fez presente naquele drama? Escreve em 10 de fevereiro de 1970: «Há dois anos que acompanhamos, com interesse fraterno, as atividades de nossos Irmãos no setor da Nigéria, que era conhecido sob o nome de Biafra. Amparamos-lhes o

⁹ Primeiro texto no capítulo sobre o amor.

¹⁰ Ver o capítulo sobre o amor.

¹¹ Carta registrada ao Irmão Espiridião.

¹² O tema dos pobres e das missões vem apresentado na 5.ª parte da circular de 2 de janeiro de 1968.

¹³ Circ. *sobre as missões*, 15 de julho de 1968, p. 9.

trabalho, não apenas com nossas orações, mas também com generosas contribuições para aliviar os sofrimentos de um povo, especialmente das crianças morrendo de fome».¹⁴ O Irmão Olivier Sentenne, ecônomo-geral, por ocasião da Conferência Geral de julho de 1971, nos fala do eco que o apelo recebeu a favor das missões: De 1967 a 1971, o número de Irmãos nas missões aumentou de 98, ou seja um aumento de 11,6%. A Administração Geral investiu USA\$400.000, sobretudo em favor das casas de formação, e 163.000\$ USA para as necessidades da Nigéria. Novas missões foram fundadas, como as do Paraguai, da Costa de Marfim, na Oceania e na Amazônia...

Ao apresentar os critérios da sabedoria de Basílio, dissemos que um deles é o caráter absoluto da pessoa. Isso permite compreender quanto Basílio estava habituado a se descentralizar de si mesmo para promover a pessoa do outro. Na circular sobre *o Espírito do Instituto* fala da humildade, da simplicidade e de suas vantagens de tal maneira que compreendemos que ele mesmo possui uma alma extremamente simplificada, uma alma de pobre.

Eis-nos agora introduzidos em sua maneira de encarar a pobreza.

1. 3. No universo da pobreza evangélica

Permaneceremos, nestas linhas, no aspecto teórico da pobreza? Sim, mas a teoria é apresentada por alguém que é inteligente, que tem a experiência das coisas de Deus e que a vive. Por isso perguntar a Basílio o que pensa da pobreza, é renovar nossa visão desse voto e nosso entusiasmo para vivê-lo tal como o descreve. Basílio tinha consciência da armadilha da palavra sozinha: «Gostamos, às vezes, de fazer boa literatura sobre a pobreza, mas no momento de chegar ao fato, sentimos calafrios que nos fazem recuar. Acontece, muitas vezes, que os que falam da pobreza são os que mais gastam...».¹⁵ A conferência que apresenta essa citação é a que nos inspira, porque será dada em todos os retiros da Espanha, em 1972, e já antes nos retiros de muitos países da América Latina: Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Peru, em fins de 1969 e inícios de 1970, depois no Canadá, no verão desse mesmo ano. É claro que a pobreza faz parte das prioridades que Basílio quer impor à Congregação. Mais adiante nos dirá que vê nisso uma ordem do Concílio, portanto, a vontade de Deus. Demos-lhe a oportunidade de nos explicar como ele vê a pobreza evangélica.

¹⁴ Circ. sobre o regresso dos missionários da Nigéria, p. 27.

¹⁵ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, pp. 148-149, maio 1973.

1.3.1 – Criados para ser ricos

Idéia surpreendente para alguém que emitiu o voto de pobreza. Mas Basílio se explica: «Irmãos, pertenço a Cristo, e Cristo é de Deus. Deus se doa totalmente, em todas as coisas e *nos criou para sermos ricos*. Não nos criou para o nada, para a precariedade nem para a miséria ou para a carência. Assim é o plano divino... Fomos criados para *ser ricos*, para possuir». ¹⁶ Com certeza, o plano de Deus sobre cada um de nós é grandioso e nobre, ele nos quer como filhos, santos e sem mancha; criou o homem para ser rei da criação... Porém é necessário saber possuir: «Mas, Irmãos, Deus quer que possuamos, não de maneira qualquer, mas como *senhores*, como *filhos*, como *irmãos*. Deus não quer burgueses, vítimas de sua própria burguesia, escravos, incapazes de possuir sem serem possuídos, sem que eles próprios se tornem escravos das coisas. Não quer pessoas a quem o dom oculta a imagem do Pai, nem que convertem em ídolos as dádivas divinas e que renunciam ao Doador por causa do dom. Ele quer pessoas que, no dom, sentem bater o amor daquele que o dá e que saltam de alegria, como sobre um trampolim, pelo dom do Pai». ¹⁷ Sem dúvida, estamos aqui perante uma visão nova da pobreza: saber possuir para louvar, para agradecer, para partilhar, para servir, a fim de que seja confirmada a nobreza que Deus nos confere e que nos torna *senhores, filhos e irmãos*.

1.3.2 – A pobreza evangélica

Possuir coração de senhor, filho e irmão perante os bens materiais e culturais é encontrar-se na primeira bem-aventurança: «Felizes os pobres em espírito!». É a pobreza segundo o Evangelho, que coloca no centro os verdadeiros valores. «Buscai em primeiro lugar o Reino dos Céus...», e que estabelece a justa hierarquia dos valores. Por isso, Basílio distingue essa pobreza, fruto da fé e do amor do Cristo, da pobreza social ou ideológica: «Não se trata de uma pobreza sociológica, de uma pobreza marxista, nem da pobreza de quem se junta ao um grupo de pobres para odiar seus irmãos, para estabelecer a luta de classes, para difundir uma dialética revolucionária ou para colocar uma bomba em não importa que edifício, cujas conseqüências serão pagas não se sabe por quem. Há uma distância radical entre a pobreza evangélica e esses métodos não evangélicos. Não podemos aceitar que, no mundo, se brinque

¹⁶ Conferência do Ir. Basílio - Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 147, maio 1973.

¹⁷ Conferência do Ir. Basílio - Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 147, maio 1973.

com a religião de qualquer maneira.

Recordam por que lhes disse numa circular: Quem partilha as idéias marxistas ou leninistas pode escolher entre abandoná-las ou deixar de ser Irmão Marista. Tampouco se trata de ser capitalista, visto que temos o voto de pobreza...».¹⁸

1.3.3 – Não é escolha humana

Essa grande liberdade interior, conferida pela primeira bem-aventurança, é proposta a todos os cristãos. Contudo, certo número, os religiosos, estão convidados a vivê-la de modo mais evidente, dando testemunho perante toda a Igreja: «Há pessoas no mundo que Deus toca, por meio do Espírito Santo, e as impele a professar a pobreza como conselho evangélico, para as quais Jesus diz: ‘Bem-aventurados os pobres...’. O Espírito os atrai a fazer o aprendizado da pobreza evangélica e a aprender a viver como os lírios do campo... Vocês e eu abraçamos esse estado de pobreza, ainda que nos custe».¹⁹ É Deus quem dá um coração de pobre e revela a beleza da primeira bem-aventurança. Sobre esse terreno, a natureza do homem desorienta e demissiona.

1.3.4 – O coração da pobreza evangélica

O que esclarece a acolhida da pobreza evangélica e a torna bela é que Deus é visto, escolhido e amado como tesouro absoluto. Basílio pergunta: «A alma da pobreza consiste em quê? Consiste no amor apaixonado por Deus. Não há pobreza cristã, se não parte de uma origem primeira que é a paixão por Deus, Deus que se torna o tudo de minhas atividades, o nó central de meu coração, meu tudo. É isso que, como consequência, dinamiza todos os bons comportamentos que acompanham a alma de um pobre».²⁰ Eis-nos no domínio do amor, e só o amor justifica a escolha e a vida da pobreza evangélica. É também um ato de adoração, porque Deus é visto como primeiro e justificando todo o resto: «A pobreza é apenas um modo de viver nossa vida teologal, nossa esperança teologal e nosso amor teologal em face dos bens da terra, em nossa peregrinação e no relacionamento com os irmãos».²¹ É restituir o lugar verdadeiro ao primeiro mandamento, o que atrai imediatamente a prática do segundo. Basílio reconhece isso como parte da alma da pobreza: «Um amor benevolente para todos os irmãos, isto é, para

¹⁸ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 147, maio 1973.

¹⁹ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 147, maio 1973.

²⁰ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 151, maio 1973.

²¹ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 151, maio 1973.

todas as pessoas. Abrir o coração a todas as necessidades das pessoas pela simples razão que isso vem do coração de Deus». ²² Este Deus, amado apaixonadamente e colocado no centro da vida, restitui à pessoa grande liberdade. A primeira, em face de nossa insegurança natural, e a segunda, em face dos bens naturais que se tornam relativos: «Deus é a fonte de minha segurança; os pobres de Javé, os que, segundo a Bíblia, vivem a metáfora dos lírios do campo, com maior segurança dos que têm o seguro social... O que é que constitui a alma dos pobres? A relativização de todos os bens... e, portanto, uma nova mística em relação a esses bens». ²³

1.3.5 – Necessidade de conversão

Compreender não é necessariamente viver. Fazer parte dos *anawim* exige conversão. Eis duas razões que Basílio dá: «...perdemos a capacidade de ser ricos. Somos uns pobres diabos que não sabemos ser ricos nem possuir. Somos ricos indigentes, ricos escravos, ricos órfãos, ricos homicidas. Necessitamos de nova alfabetização, de novo ensino básico, de nova educação que ensine novamente os homens a serem ricos, a tornar-nos aquilo que o Pai nos quis. Essa aprendizagem se denomina *Pobreza Evangélica*». ²⁴ A segunda razão é que vivemos em carne frágil: «O consagrado sabe muito bem que a mesma carne de pecado, que sente em nível de sexo, a possui também no coração: *carne de avaro, carne de proprietário, carne de capitalista!* Se não se é prudente, se não se reza, se não se penetra na contemplação de Jesus Cristo, se não se alimenta espiritualmente a mística da pobreza, se não se pratica a pobreza no dia-a-dia, naquilo que é pequeno, seremos incapazes de fazer grandes esforços, quando chegar o momento». ²⁵

1.3.6 – Mas a pobreza tem corpo

Até aqui estávamos na alma da pobreza. Basílio, às vezes, por meio de perguntas diretas, recordava o corpo da pobreza: «Quantos dentre vocês estão dispostos a se dedicar aos pobres? Será que amo de fato a pobreza? Será que ela encontra lugar em meu coração?... Eu não ousaria dizer que a carrego no coração!... A pobreza tem corpo, porque o espírito cristão se encarna para se tornar mistério visível e tangível e nos conduzir ao invisível... O coração da pobreza é nos tornar semelhantes aos pobres, e, no entanto,

²² Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 151, maio 1973.

²³ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 151, maio 1973.

²⁴ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 149, maio 1973.

²⁵ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, pp. 152-153, maio 1973.

diferentes dos pobres. Sociologicamente, não somos pobres!».²⁶ Basílio escrevia os seguintes títulos para corpo da pobreza:

- Não possuir, não ser proprietário,
- Viver na insegurança: o pobre vive de seu trabalho; caso o perca, não sabe como ir adiante.
- Dependendo.

Nos escritos de Basílio, encontram-se expressões-síntese que unem o espírito e o corpo da pobreza: «Pobreza significa amar a pobreza, praticar a pobreza. Pobreza significa também amar os pobres e fazer com que se cheguem a nós!».²⁷ Oferece-nos também esta bela reflexão: «Os religiosos são chamados a viver vida de pobreza na Igreja não apenas com o coração desapegado, mas também com as mãos vazias». ²⁸ No Canadá, concluía a conferência sobre a pobreza com estas idéias: «Se em nossas discussões sobre os problemas concernentes à pobreza, não houver o som evangélico, encontraremos mil e uma razões para evitar tudo o que possa custar e fugir do que arrisca incomodar-nos um pouco. Não esqueçamos que a pobreza é um valor cristão. Com efeito, é muito raro encontrar o amor à pobreza fora do cristianismo. É um valor que não pode faltar no coração de um cristão... Mas é necessário dizer que a pobreza não é o único valor cristão, nem o valor supremo do cristianismo. A coluna do cristianismo é o amor, o amor filial, o amor fraterno». ²⁹

1.4. A pobreza de um Superior-Geral

Um Superior-Geral vive a pobreza como os demais Irmãos? Basílio, que foi Superior-Geral durante dezoito anos, será que apresenta nesse domínio da pobreza nuances particulares?

Sim, sua pobreza consistia também em conscientizar os Irmãos acerca da maneira como a Congregação, enquanto família e grupo social, vivia a pobreza, em dinamizar as diversas Províncias para dar mais espaço ao mundo dos pobres, e teve de viver na esperança de uma nova aurora o fenômeno de uma congregação que se renovava ao perder muitos membros: purificação de sexta-feira santa.

²⁶ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 152, maio 1973.

²⁷ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 156, maio 1973.

²⁸ Apelo ao desapego. A Pobreza pessoal, comunitária e institucional. N.º 12, p. 2.

²⁹ *Ibid.*, p. 15.

1.4.1 – Conscientizar

Vimos como Basílio conscientizava os Irmãos a respeito da natureza da pobreza evangélica. A conferência que exploramos largamente vem reproduzida em termos praticamente idênticos na revista da Província Norte, da Espanha, e apresenta muitas semelhanças com a revista canadense *Appel au dépassement* n.º 12 de 1970, (*Apelo à auto-superação*), sinal de que era uma reflexão central para o Ir. Basílio. Foi nessa conferência que fez refletir os Irmãos sobre as anuidades escolares, exigidas em seus melhores colégios. Apoiado nas cifras, demonstra que são tão elevadas que não apenas excluem todos os pobres, mas até as classes médias: que contradição para uma congregação fundada para os ambientes simples. Pergunta aos Conselhos Provinciais, aos ecônomos provinciais se, nos orçamentos, há lugar para os pobres e que lugar?: «Quantos Conselhos Provinciais se reuniram para se perguntar se os bens da Província eram empregados, conforme a pobreza e conforme a caridade, e não em sentido social que constrange qualquer capitalista do mundo, mesmo se não fez o voto de pobreza? Quantos Provinciais, ecônomos provinciais ou locais são capazes de ver mais longe, e indagar-se perante um projeto, não apenas se é financeiramente possível e vantajoso, mas se é evangelicamente aceitável?».³⁰ «Se permanecemos insensíveis perante o pobre que, devido ao sistema, se encontra sem acesso à nossa educação, à educação cristã, que é o bem que apaixonadamente queremos transmitir – e que ao dá-la concedemos muito mais que dando esmola – é porque nosso amor à pobreza é fraco».³¹ Já na circular-programa de 2 de janeiro de 1968 enviava um primeiro sinal a toda a Congregação: «Nossos colégios foram arrastados lenta e quase inexoravelmente a cuidar de outras classes da sociedade, que não são exatamente a classe pobre... Honestamente, acredito que ninguém pode negar esse fato estatisticamente majoritário, sobretudo no Terceiro Mundo... Um Instituto pode consagrar-se a outras tarefas e a outros destinatários... mas o que não pode fazer, sem cessar de ser ele mesmo, é não se dedicar àquilo e àqueles para os quais nasceu».³² Basílio cede a palavra a São Marcelino, mas ambos desejariam que abrissemos os olhos para os pobres: «Meus caros Irmãos, acredito que muitas vezes perdemos a capacidade da autocrítica positiva e construtiva... É necessário abrir os olhos, sobretudo os do coração, para essas realidades verdadeiramente dolorosas e que dessa dor irrompa o desejo ardente de

³⁰ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 150, maio 1973.

³¹ Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, p. 154, maio 1973.

³² Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos do Fundador*, pp. 569-570.

acudir a esses grupos “marginalizados”.³³ Basílio lembra até que é um direito dos pobres receberem de nós essa educação: os pobres não recebem senão o que lhes é devido.³⁴ Terminemos com os dois parágrafos da palestra sobre a pobreza, dada aos Irmãos de Iberville: «O Concílio não acreditou na maneira como os religiosos praticam a pobreza. Se há um ponto substancial sobre o qual o Concílio afirma claramente que o religioso tem uma resposta a dar é o da pobreza: é necessário renovar nossa maneira de conceber e de praticar a pobreza.

O mundo não coloca em dúvida a obediência dos religiosos... O mundo, porém, não acredita na pobreza deles. Por quê? É que nosso nível de vida ultrapassa o da classe média. É necessário ter coragem para dizer as coisas tais como são». ³⁵ De maneira mais direta diz: «Permitam-me uma afirmação. Em geral, e tal como vivem atualmente do ponto de vista pessoal, ...a menos que esteja enganado, vocês não testemunham a pobreza, no Canadá de hoje». ³⁶ Em contrapartida, nessa mesma palestra, convida os Irmãos a partilhar sua vida interior: “Partilhem as riquezas de seu coração, sua vida interior. Vocês vivem muito sozinhos sua vida interior. O progresso seria impressionante, se vocês aprendessem a colocar em comum também suas riquezas espirituais, a mostrar seu rosto verdadeiro aos seus Irmãos, a se ajudarem mutuamente nesse domínio. O que eu gostaria, muito mais do que seus serviços, mais do que seus objetos, é do seu coração. Poder partilhar suas dificuldades, sofrimentos, alegrias, etc. Isso me interessaria mais do que todo o resto. Infelizmente, essa riqueza vocês a guardam para si sem querer partilhá-la. De que vocês gostariam mais: do diário de João XXIII, que lhes faz conhecer sua vida, as maravilhas interiores do coração, ou de sua camisa?». ³⁷ Basílio era assim: direto, prático, franco. E era aceito porque sabia-se que amava. Depois do retiro de 1970, certo número de Irmãos canadenses partiram para as missões e, mais tarde, fundaram a missão do Haiti.

1.4.2 – Dinamizar

Não basta conscientizar, é necessário encaminhar a Congregação para o mundo dos pobres e das missões: duas responsabilidades do voto de pobreza. Na sua primeira circular, consagra vinte páginas ao retorno aos pobres e marginalizados³⁸ e mais de trinta ao tema das missões.³⁹ Pede à Congregação

³³ Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos do Fundador*, pp. 573 e 577.

³⁴ Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos do Fundador*, p. 590.

³⁵ *Appel au dépassement. A pobreza pessoal, comunitária e institucional* n.º12, p. 1.

³⁶ *Ibid.*, p.4.

³⁷ *Ibid.*, p.3.

³⁸ Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 567 a 587.

para se esforçar nesses dois pontos. Sugere até a criação de um organismo encarregado de angariar fundos para as escolas destinadas aos pobres, o que hoje denominamos B.I.S. (Birô Internacional de Solidariedade).⁴⁰ Encarava assim o fato de os Irmãos se orientarem aos pobres: “Devemos reaprender a não viver de um sistema de quietude baseado na segurança econômica. Sem convidar precisamente à temeridade, estou convencido de que, em muitos lugares, isso não é compreendido, ou, se é compreendido, não se tem nem a capacidade nem a vontade do risco para vivê-lo, apesar da angústia de certas situações locais...”.⁴¹ Basílio impulsiona; depois, o movimento se acelera com a adesão e a criatividade sempre crescente junto aos Irmãos. Para ser melhor ouvido, na questão referente aos pobres, Basílio convida ardentemente os Irmãos capitulares de 1976 a fazerem uma estada junto aos pobres, antes de chegar ao Capítulo Geral, para que venham com o coração mudado e carregado das angústias dos pobres.

1.4.3 – Provado na amizade

Basílio teve de viver uma pobreza muito especial e dolorosa, aquela que purifica o coração nos seus movimentos mais humanos e mais nobres. Responsável pela Congregação, nos anos que se seguiram ao Concílio, viu muitos Irmãos desistir. Foi uma verdadeira cruz. Compreendia muito bem que alguns tivessem feito escolha errada; a esses era o primeiros a ajudá-los a sair. Mas quantos amigos estimados, chegados a ele, entre os colaboradores mais íntimos, de quem reconhecia o valor e em quem confiava, acabaram abandonando a Congregação! Era a epidemia na perseverança. Quantas entrevistas, viagens, cartas, horas passadas a escutar, a discernir, a encorajar; quantos Irmãos enviados aos centros de oração, quantas circulares cheias de doutrina, de sabedoria, de luz e de amor e, apesar de tudo isso, a sangria continuava. Muitos Provinciais também, nessa tormenta, acabam por mergulhar na depressão e alguns saem. Basílio nada tinha a se repreender, mas para um coração tão amigo e humano como o seu, para um homem que possuía o senso do dom e da palavra empenhada, isso devia ser muito doloroso.

Menos evidente, mas bem presente e dolorosa também era a mediocridade de certos Irmãos que, embora permanecendo nos quadros da vida religiosa, não tinham mais nada de religioso. Espanta-se de que se possa fazer os grandes sacrifícios exigidos pelos votos, para chegar a tal vulgaridade.

³⁹ Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 409 a 445.

⁴⁰ Circ. 2 de janeiro de 1968, *Os apelos do Fundador*, pp. 585 a 591.

⁴¹ Circ. 2 de janeiro de 1968, *Os Apelos do Fundador*, p. 567.

Se não perde a equanimidade é porque é pobre diante de Deus; sua esperança está ancorada no amor do Pai, cuja vontade se tornou sua paixão. Nesse ponto, viveu verdadeiramente uma pobreza particular, a do Superior-Geral, de acordo com o Vaticano II.

Todo esse percurso no universo da pobreza nos leva ao essencial em Basílio: Deus como primeiro amor, cuja aplicação imediata é a pessoa humana. Esta tem um valor absoluto e é como o sacramento de nosso amor a Deus. A pobreza é fruto do amor, nasce no coração, é um aspecto da graça que Deus nos concede de amá-lo acima de tudo. Ato de adoração a Deus, de amor ao próximo, de verdade sobre nossa própria fragilidade. E tudo isso no perpassar dos dias, dos encontros, com constância, fidelidade, lógica espiritual, no humilde tecido da vida cotidiana.

TEXTOS

1. Pobre e aperto aos pobres

Devemos reaprender a não viver – no que nos diz respeito – de um sistema de quietude, baseado na segurança econômica. Sem convidar precisamente à temeridade, estou convencido de que, em muitos lugares, isso não é compreendido, ou, se é compreendido, não se tem nem a capacidade nem a vontade do risco para vivê-lo... (e para abrir-se e ir aos pobres).

Se não se sente isso, se não se arde de uma chama interior, todos os conselhos e apelos cairão no vazio. Não se trata de má-vontade nem de desobediência, não, a coisa é mais matizada. Digamos que os riscos e as dificuldades são tão numerosos, tão fortes os condicionamentos sociais e os hábitos mentais, tão manifesta a falta de disponibilidade de certos Irmãos aburguesados, que esses fatores são suficientes e mais do que suficientes para condenar uma Província à estagnação e à inação. Quer dizer que são situações em que a simples boa-vontade é impotente, e nada se realiza, se o sopro do Espírito não arde no interior...

Cada superior deve fazer um exame sincero e ver se só possui um simples “senso do dever” para com os pobres, que nem chega sequer a colocá-lo em simpatia com eles, ainda menos em estado de inquietação e desejo de realização, nem a entristecê-lo ao constatar que nada pode fazer por eles. Quem descobre e reconhece que é aquilo que acabo de dizer, deve compreender que lhe falta algo de essencial para ser cristão e para ser religioso (com maior razão marista!). (Circ. *Os apelos da Igreja e do Fundador ao Capítulo*, pp. 567-579).

2. A pobreza torna o coração livre

Alguns Irmãos, longe de aceitar as limitações de ordem econômica em sua vida, fazem como se todo o esforço em relação aos pobres devesse vir da administração local, provincial ou geral... Alhures, são superiores que recusam executar, em favor dos pobres, obras nascidas da iniciativa dos Irmãos, pretendendo que elas devem estar a cargo da administração, mas sem tocar em nada na sua maneira de viver... A pobreza cristã, em suas raízes mais profundas, consiste no desapego afetivo e efetivo dos bens para comunicá-los aos outros, começando pelos mais carentes...

Os Superiores querem que, antes de proceder a uma revisão de pobreza

coletiva, se reforme primeiramente a pobreza individual; os Irmãos, por sua vez, objetam que essa pobreza individual não se vê, e que a primeira reforma a fazer é justamente a da pobreza coletiva e não a do pequeno mundo de cada um. Não temos razão nem uns nem outros...

Aos Irmãos será necessário lembrar que o exibicionismo da pobreza (mostrar que se é pobre, que se faz isto ou aquilo, que se exige tal coisa) pode tornar-se um “hobby” de moda e mesmo um farisaísmo, como o exibicionismo de qualquer outra virtude; que o importante e essencial para a pobreza não é que seja vista (deve ela se ver?), tampouco ser uma privação, mas liberar o coração de toda escravidão, apego ou egoísmo e de vir em auxílio dos necessitados e fazer avançar a humanidade para um progresso fraterno e universal. Agora, se o mundo não enxerga a redução de nosso teor de vida pessoal, os fundos econômicos para ajudar os necessitados e para a democratização de nossos serviços nem por isso cessarão de ter progredido, com a condição de que essas economias, os responsáveis das finanças não as tenham feito nova fonte de ingressos, mas as tenham convertido em obras sociais efetivamente aplicadas em transformar o mundo dos pobres.

O fator ascético existe certamente e tem importância essencial... para purificar do egoísmo o coração humano e para facilitar a intimidade com Deus... (Circular de 2 de janeiro de 1968, *Os apelos do Fundador*, pp. 579-582).

3. Se Marcelino voltasse

Se o Fundador voltasse entre nós, modesto e simples que era, não se sentiria embaraçado para nos dizer: “Vejam, hoje fizeram-se imensos progressos no domínio da Teologia, mas não esqueçam que o Cristianismo é muito mais do que uma ciência; é uma religião, é uma vida”. Ele nos repetiria, depois de São Paulo: «Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria, para anunciar-lhes o mistério de Deus. Entre vocês, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado» (1Cor 2,1-2)...

Champagnat nos recordaria que não empenhamos toda a nossa vida por tal teólogo, mesmo que fosse o melhor do mundo, mas somente por Cristo, que tem o poder de nos conservar fiéis à graça até o fim (cf. 1Cor 1,8) e que ele mesmo é a origem e o objetivo de nosso compromisso...

Dir-nos-ia ainda que não basta falar de Deus aos homens, mas é necessário primeiramente falar dos homens a Deus, para que a palavra seja acolhida.

Dir-nos-ia que é inútil contrapor a ação à oração..., porque constituem lei

geral da natureza, e da própria vida espiritual, essas constantes alternativas, sístole e diástole, sem as quais toda vida declina e desaparece. A atenção ao próximo também não pode justificar o abandono da oração com o desejo de maior serviço, porque a oração não é tempo perdido para nossos irmãos, mas tempo empregado melhor, dado que torna nossa ação mais fecunda e coloca o próximo na ação mesma de Deus. Diria aos que entre nós buscam uma comunidade viva sob o signo do amor, que, sem certa dose de oração, não há comunidade que não se desagregue. (Circ. *Os apelos da Igreja e do Fundador ao Capítulo*. pp. 598-600).

4. Um caso concreto

Acabo de sair do hospital, depois de uma estada de 17 dias. Foi aí, exatamente que sua mensagem sobre a pobreza atingiu todo o significado. Transportado com urgência ao hospital, em 21 de outubro, colocaram-me em quarto modesto com quatro leitos, em companhia de três outros doentes.

O enfermeiro de plantão, depois que soube que eu era religioso, me disse: «Não é seu lugar aqui. Encontrou um quarto reservado aos pobres, ao povo comum. Os ricos, bem como todos os padres e religiosos, recebem sempre quartos reservados, com lavabo e toalete». Depois da reflexão desse funcionário, decidi-me a passar os 17 dias no quarto de quatro camas para conhecer melhor, para apreciar, para gostar mais dessas pessoas que denominamos “pobres”.

Pude ouvir, à saciedade, blasfêmias e palavrões e também críticas contra os ricos, contra a Igreja, contra os padres e os religiosos. A maior censura que nos fazem é que não os compreendemos, que não gostamos deles, que fazemos voto de pobreza, mas vivemos como ricos.

Essas pessoas têm coração bom, sentem amargura, mas raciocinam corretamente sobre as coisas da vida. Perante o sofrimento são generosas, sempre prontas a aliviar alguém que sofre mais do que elas.

Se quisermos realmente conquistar-lhes a estima e compreensão, devemos partilhar suas inquietações diante do futuro. Fiz a experiência de partilhar minha refeição com um doente de 73 anos, que sentia repugnância por aquilo que lhe tinham sido preparado: «Experimente um pouco da minha!». Fê-lo com prazer, e eu me servi da refeição dele. Criou-se imediatamente um clima de confiança e de amizade entre nós dois, e quando deixei o hospital, abraçou-me chorando lágrimas bem mais eloqüentes que as palavras.

Cito essa experiência entre outras, dado que em minha curta permanência no

hospital, consegui criar uma verdadeira amizade com os doentes de meu quarto.

Isso me dá a impressão de que os hospitais nos oferecem um campo de apostolado, até agora praticamente inexplorado. Se o Irmão Provincial me autoriza, proponho-me acrescentar a meu programa a visita aos abandonados nos hospitais; poderia até dispor de certa quantia em dinheiro para ajudá-los e levar-lhes essas alegrias que lhes faltam... (*Chamamento à Renovação, o Profetismo, a Confissão*, pp. 2 e 3, março de 1973, Província Norte, Espanha).

5. Coletânea de idéias e de fatos

Uma das orientações maiores que o Irmão Basílio quer dar à nossa Congregação é de chegar-se mais aos pobres, voltar a ser uma congregação para a educação dos jovens marginalizados. Quer esse esforço por fidelidade às origens, portanto, fidelidade ao carisma e ao trabalho do Fundador, mas também porque vê nisso um apelo explícito do Vaticano II para se tornar mais francamente uma Igreja dos pobres. Basílio se coloca em obediência à Igreja e ao Espírito.

Seu pensamento nesse ponto se expressa nas páginas 567 a 591 da *Circular de 2 de janeiro de 1968*, na quarta parte: *Os apelos da Igreja e do Fundador ao nosso Capítulo*. Dessas páginas extrairemos o conteúdo das linhas que seguem. Notemos, contudo, o momento e a circunstância. É Superior-Geral apenas faz alguns meses, estamos como numa *visão de programa de governo*. Dirigi-se a toda a Congregação, mas seu apelo quer sensibilizar ainda mais os Irmãos Capitulares, que vão reunir-se para a segunda sessão desse Capítulo Extraordinário, desejado pela Igreja, para lançar a renovação solicitada pelo Concílio: a volta às fontes e o *aggiornamento* (atualização). Serão os Capitulares que, em setembro e outubro, deverão tomar decisões que orientarão a Congregação. Dá como título à circular a data de nossa fundação, 2 de janeiro, para nos alertar que estamos em momento importante de refundação. Sob esse ângulo, a circular é, certamente, a mais pertinente e a mais importante que Basílio escreveu. É uma condensação da visão das mudanças necessárias para nos conformar com os textos do Vaticano II.

O livro *Quero despertar a aurora*⁴² já tinha falado do coração de Basílio, atento às necessidades dos pobres, apresentando certo número de casos precisos em

⁴² Quero despertar a aurora, p. 14.

que se encontra diretamente implicado. Isso mostra que se empenha diretamente todas as vezes que pode. Afirma também que não fala em pobres porque o tema seja de moda, mas para que nossa Congregação se conscientize de que a educação das crianças das classes pobres é parte constitutiva de nosso carisma e de nossa missão, sob pena de desnaturar a Congregação: «Um Instituto religioso pode consagrar-se a outras tarefas ou a outros destinatários que não aqueles para os quais nasceu; mas o que não pode fazer, sem cessar de ser ele mesmo, é não se dedicar àquilo e àqueles para os quais nasceu».⁴³

Essa reflexão sobre os pobres, que quer ajudar a visão dos capitulares, deixa ver a alma de quem escreve. Essas páginas vibram com a simpatia espontânea que Basílio tem para com os pobres. Nessa simpatia se entrelaçam o sentido de justiça, a escolha que Deus faz, a fidelidade ao Fundador, aos apelos do Concílio, outros tantos sinais que expressam a vontade de Deus para toda a Congregação.

É indo aos pobres que nos colocamos nas pegadas de nosso Fundador: «Acredito que se hoje existe um assunto sobre o qual o Fundador chamaria seriamente nossa atenção, é essa questão.⁴⁴ ... O que nos pediria primeiramente seria o retorno decidido aos pobres e, em face da tão grande multidão de jovens abandonados, uma tomada de consciência de tudo o que foi feito até aqui, longe de nos satisfazer, deve ser antes base de partida para novos e mais generosos esforços».⁴⁵ Recordando as razões do Fundador para nos convidar ao retorno aos pobres – além do impulso inicial em favor dos meninos do campo, e que hoje muitas de nossas escolas acolhem de preferência uma classe social abastada ou média – Basílio acrescenta esta terceira razão: «A necessidade do serviço educativo e a atenção às classes pobres tornam-se hoje não somente um dever cristão fundamental, mas uma necessidade urgente e veemente para a Igreja, e cuja atenção ou abandono pode ter graves conseqüências para ela».⁴⁶ Para ajudar os pobres, Basílio apela ao ascetismo pessoal, ao das Províncias e de todo o Instituto e nos deixa esta convicção otimista: «Devemos nos convencer de que ‘existe algo mais em nós’. Mas para que os Capitulares fossem ainda mais sensíveis a essa necessidade de orientar a Congregação para os pobres, convidou-os a visitar a África ou a Ásia para fazerem a experiência direta de um mundo pobre,

⁴³ Circ. 2 de janeiro 1968, p.570.

⁴⁴ Circ. 2 de janeiro 1968.

⁴⁵ Circ. 2 de janeiro 1968, p. 586.

⁴⁶ Circ. 2 de janeiro 1968, p. 570.

despertando a consciência e comovendo o coração se comova. Naquele momento, esse gesto profético não foi bem compreendido e será necessário aguardar o capítulo de 1993 para que a experiência dos pobres seja quase imposta aos Capitulares.⁴⁷ Nessa nota, reencontra-se o coração de Basílio em favor dos pobres e das missões. Ele emprega a linguagem dos sentimentos fortes e sadios: «O que me confrangeria é que esse esforço ficasse sem resultado. Agradeço, em nome do Cristo, do Padre Champagnat e das missões, os Irmãos que sacrificaram tanto tempo e dinheiro por essa causa. Não foi viagem de turismo. Diversas delegações me comunicaram a decisão de se empenharem o mais possível numa ajuda missionária séria e progressiva».

6. Anúncio do Birô Internacional de Solidariedade (B.I.S.)

Isso dito, e na intenção de orientar nossas obras (para os pobres), devemos procurar a ajuda do Estado... Depois, buscar também outras espécies de socorros, especialmente junto às Conferências Episcopais dos países desenvolvidos... Trata-se de nos perguntar e ao Capítulo Geral, se não conviria preparar um Irmão, oferecendo todas as garantias e a capacidade necessária, para ser encarregado dessas diligências e obter subsídios em nível internacional?

Essa ajuda não deve ser recebida de maneira altiva, mas também não como esmola. É obra social – no contexto mundial ou nacional, conforme a natureza do doador – para a qual cada um tem obrigação em graus diversos. Alguns empenham o capital, nós, o trabalho desinteressado. Nós não recebemos: nós nos unimos para dar. Os receptores são os que têm o direito de receber, isto é, os marginalizados da sociedade e, em virtude da doutrina da *Populorum Progressio* e da *Gaudium et Spes*, não recebem nem mais nem menos do que aquilo a que têm direito... Somos apenas um elemento de serviço social, cultural e cristão, inserido no movimento dos governos e dos partidos políticos, para o bem do sociedade. Por isso, quando pedem nossa ajuda, não se deve dá-la a título de amizade ou de compromisso, mas afirmar clara e respeitosa que agimos por motivos do bem comum e de sã política de promoção humana e social. (*Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 589-590.*)
(*Essas páginas vibrantes anunciam também a mais vigorosa das circulares escritas pelo Irmão Benito: A propósito de nossos bens, 1.º de outubro de 2000. Achamos uma prova suplementar de um homem adiantado sobre seu tempo.*)

⁴⁷ Circ. 2 de janeiro 1968, p. 414, nota 232.

2

O CELIBATO CONSAGRADO

Temos poucos depoimentos nesse domínio do celibato consagrado, o que é normal: é um amor que se vive com pudor. Os que falaram sublinham a liberdade e a prudência do Irmão Basílio, homem que não era em absoluto inibido, mas que sabia possuir essa força sexual no corpo, exigindo certa disciplina: «Não há nenhum homem em quem o sexo se encontre inteiramente purificado e não apresente nenhum perigo... Somos todos homens. Recordo-me desta passagem extraordinária de um filósofo mexicano num livro intitulado *Ladainhas do entardecer da vida*: ‘Eu quis ser arcanjo, e Deus me respondeu: Basta que sejas homem’⁴⁸ Nesse mesmo embalo acrescenta: «Nenhuma idade da vida está isenta de dificuldades nesse domínio. Um jovem perguntou ao pai, de mais de 50 anos: ‘Papai, diga-me, quando acaba esta luta da carne?’. E o pai respondeu: ‘Meu filho, não sei, pergunte ao avô’.⁴⁹

Em contraposição, temos um homem cuja vida testemunha por si e possuímos seu pensamento, expresso em certo número de conferências e de reflexões nas circulares. O homem e seu pensamento são coerentes: reconhecem à virgindade todos os títulos de nobreza.

2.1. O homem

Quando lemos suas conferências, a primeira constatação é de nos achar perante um homem culto, informado, com visão intelectual penetrante e equilibrada do domínio da sexologia, do amor humano, da virgindade pelo Reino. Fala ao mesmo tempo, como médico, das células germinativas e intersticiais, da testosterona ou dos hormônios estrógenos e, como psicólogo, com a linguagem do rigor científico.⁵⁰ Ao grupo para o qual vai proferir a palestra, é proposta uma enquete e uma estatística para conhecer a vivência de seu auditório.⁵¹ Aborda ele o problema da masturbação? Na qualidade de

⁴⁸ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 10, retiros de 1970, Canadá.

⁴⁹ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 14, retiros de 1970, Canadá.

⁵⁰ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 6, retiros de 1970, Canadá.

⁵¹ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, p. 2, janeiro 1973, Norte, Espanha.

moralista, reconhece casos sem nenhuma responsabilidade moral e aconselha de não ir confessar-se a qualquer padre; mas como psicólogo, sublinha que sempre existe nisso um problema de maturidade inacabada.⁵² Não achamos nele nenhum falso pudor, é homem livre, mas prudente: «Não tenho nenhum receio que um consagrado tenha um contato apropriado e sadio, de tipo científico, sobre o sexo. Não há inconveniente algum que um consagrado leia um tratado científico e digno sobre o processo da procriação entre o homem e a mulher. Em contraposição, não gosto em absoluto que alguém se ponha a cobiçar uma revista em que numa página aparece a visita do papa a Athenagoras e, na outra, Brigitte Bardot. Não se deve aceitar o que é pornográfico nem o que é banal, porque aí se ridicularizam a mulher e o sexo».⁵³ Fala aos Irmãos, não do ponto de vista da moral, mas do ponto de vista do que é, do que diz a ciência a respeito do sexo e da maturidade da pessoa humana, sem negligenciar a luz oferecida pela Psicologia sobre o coração humano. Realmente, ele tem uma atitude muito nova, aberta, à escuta também do bom-senso e da sabedoria. É, na calma, uma visão completa do amor humano: considera o estado de vida na virgindade, mas tem também belas páginas sobre o amor no casamento e a beleza de uma vida cristã vivida no amor de matrimônio. Conhece a psicologia masculina e os movimentos do coração feminino. Isso lhe merece a escuta e o respeito devidos a um especialista. Muitos extratos são propostos que mostram que Basílio olha os problemas de frente.

É reconhecido de boa-mente como homem que atingiu grande maturidade, grande equilíbrio pessoal. Muitos testemunham que atingiu um autodomínio excepcional, guardando a calma, a paz interior nos momentos mais dramáticos; nele a alegria e o otimismo resistiram às provas mais duras. Essa maturidade está presente nos escritos, em sua atividade, na grande confiança nele depositada. Quanta gente solicitou seu conselho, lhe apresentou a vivência mais íntima de graça ou de pecado ou de doença psicológica. Quantas congregações lhe pediam um retiro ou se punham a estudar-lhe os escritos. Dessa maturidade necessária ele próprio dizia: «Aqui (sobre a maturidade psicológica) é necessário insistir mais, porque começamos a tocar pontos substanciais, não somente para viver bem a virgindade, mas para que o voto de virgindade se torne deveras fecundo e produza religiosos positivos, irradiantes, dinâmicos, com personalidade rica, e não pessoas estreitas, difíceis, de coração duro, sem amor».⁵⁴ Um pouco mais adiante, acrescenta

⁵² *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 7, retiros de 1970, Canadá.

⁵³ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, p. 20, janeiro 1973, Norte, Espanha.

⁵⁴ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 6, retiros de 1970, Canadá.

esta nuance importante: «Não basta, para guardar a virgindade, ter atingido a maturidade humana, são necessários também o carisma e a graça. No entanto, a maturidade humana é indispensável. É necessário a todo o custo atingir esse ponto... Vocês se dão conta a que ponto a maturidade psicológica é substancialmente necessária à vida religiosa; porque um homem que não é capaz de amar com fidelidade e desinteresse e que não pode desejar ser fecundo, não é apto à vida religiosa».⁵⁵

Havia confiança nele dentro da União dos Superiores Maiores, e no Vaticano que, às vezes, o encarregava de missões especiais, como em 1969, quando visita países da América Latina. Em 1980 o Vaticano o convida como auditor no Sínodo da Família e a se dirigir aos bispos reunidos. Em 1995 é nomeado consultor para a Congregação dos Religiosos... Entreter-se com Basílio dava a impressão de encontrar uma pessoa segura, sólida, constante, esclarecida, profundamente apaziguada e unificada. Basílio falou muitas vezes de maturidade psicológica, moral, espiritual. Nele era uma conquista sólida e sossegada que se exprimia sob forma de ufania de ser marista e de alegria de viver. Uma imagem positiva de si – dizia – é um sinal de sanidade espiritual e humana. A longa circular sobre *A Fidelidade* é uma prova suplementar dessa maturidade. Permite que os Irmãos, mediante seus depoimentos, façam vir à luz sua vivência profunda, no domínio da castidade e, mais ainda, no campo de sua vida de amor para com Deus e os homens, que é o verdadeiro universo da virgindade consagrada. Dessa forma, ajuda toda a Congregação a aceder a maior maturidade nesse mundo maravilhoso, mas delicado, do amor.

Não saímos do quadro do celibato consagrado, se acrescentamos a nuance que Basílio era homem de experiência. Viajou muito, encontrou toda a espécie de gente nos mais diversos países. Perante o universo do amor não era ingênuo: nem os homens, nem os Irmãos são anjos para ele. «Não pertencemos a uma casta de santificados de antemão», dizia aos Irmãos (*Circular 2 de janeiro 1968, p. 644*). Se está pronto a admirar o amor em sua pureza, como quando cita, no fim de sua conferência sobre a virgindade, o poema de um casal que chega ao entardecer da vida, conhece também as armadilhas que os homens e as mulheres sabem colocar-se, os mil pretextos e arrazoados para justificar os falsos amores ou deslizes. Quando, em 1967, passando alguns dias num hotel de Taormina, a camareira faz a observação de que para os padres e religiosos o casamento é proibido, mas não todo o resto... Basílio diz ao Irmão Gabriel Michel, que se encontra com ele: «É

⁵⁵ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 8, retiros de 1970, Canadá.

realmente o que as pessoas acreditam!». Alhures, por tê-lo constatado, diz aos Irmãos da Bética: «Esse voto, para alguns, nos faz parecer como animais raros!». Era amigo de sábios e teólogos, de políticos e operários, de grandes da Igreja e de simples religiosos. Convidou para jantar na Casa Geral a Saragat, ex-presidente da Itália. Era amigo pessoal do Sr. Conto Patiño, grande político equatoriano e vice-presidente do senado, que de bom-grado vinha solicitar-lhe conselho. Giuseppe Palladino, renomado economista italiano, mantinha excelentes relações com Basílio...⁵⁶ Basílio não foi alguém que permaneceu fechado no convento; passou a vida nas encruzilhadas do mundo. A nós, seus Irmãos, convidava-nos a viver abertos, a colocar-nos nas encruzilhada dos caminhos dos homens.

Basílio, sobretudo, era homem que tinha apostado tudo em Deus, numa aposta de amor e de paixão. Toda a sua vida se unifica, se purifica, torna-se límpida nessa amizade extraordinária. O amor dinamiza todas as energias desse homem. Vimos como se entrega a Deus, respondendo ao amor que recebe e como se dedica a todos os seus Irmãos. Somente o amor pode ser a razão primeira de toda virgindade. Ele o foi, com grande evidência, em Basílio.

Eis o universo em que se inscreve a virgindade desse homem: saber, maturidade, experiência da vida, satisfação e alegria em sua vocação, amor apaixonado para com Deus que produz um dom total para todas as pessoas.

2.2. O pensamento

Basílio sabe que os Irmãos necessitam ser esclarecidos e confirmados nesse domínio, sobretudo depois do Vaticano II e numa sociedade que se tornava cada vez mais permissiva. Depois do Concílio, e contra o pensamento dos padres conciliares, abriram-se caminhos duvidosos que diziam ser bastante guardar o 6.º e o 9.º mandamentos para viver o voto de virgindade.⁵⁷ Basílio esclarece indo ao coração e à totalidade do voto.

2.2.1 – O coração do voto

Basílio volta à sua experiência central, que é também a dos santos e de cada religioso, que lentamente progride em seu diálogo com Deus: o amor. A explicação desse dom total, que é o voto de castidade, não se encontra primeiramente numa palestra sobre a virgindade, mas naquele momento

⁵⁶ *Madrid Marista*, suplemento ao n.º 71, abril de 1996, p. 13.

⁵⁷ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 1.

extraordinário em que Deus seduziu por um impacto poderoso de seu amor o coração de Basílio. Então, a pessoa torna-se dom, adesão total à vontade de Deus. Tudo o que foi dito no capítulo sobre a graça e sobre o amor de Deus é a verdadeira luz que justifica e faz compreender essa decisão. Como acontece nos melhores casos entre um homem e uma mulher que acabam no casamento, somente o amor é essa energia interior que impele ao dom e se torna a chave de compreensão. O celibato consagrado é a conseqüência do amor que se tem a Deus e que Ele nos tem por primeiro, e produz o dom total do ser: «A maior coisa que Jesus nos revelou sobre Deus é que ele é Pai. Melhor dizendo: Deus não é celibatário. Deus é amor. O Deus cristão é família...».⁵⁸ Aos Irmãos das Províncias da Espanha dizia: «Não se trata de bancar os fortes (os machões), trata-se de ser os escravos do Senhor».⁵⁹ Ele se pergunta por que escolher uma vida tão exigente? E responde: «Porque somente Tu tens palavras de vida eterna!».⁶⁰ Já na sua primeira circular, tínhamos levado ao essencial: «Não empenhamos a vida por tal teólogo, fosse o melhor do mundo, mas somente pelo Cristo, que tem o poder de nos guardar fiéis à sua graça até o fim (cf. 1Cor 1,8) e que é ele próprio a origem e o fim de nosso compromisso».⁶¹ «Essa revelação, em algumas pessoas, sob a ação do Espírito Santo, produz uma sedução tal que convida ao dom total: Entre nós há um voto, feito ao Senhor, e que engloba todo o ser: o coração, a psicologia, o tempo, a vida, o amor, tudo; e o devolve em seguida como dom aos homens, como dom desinteressado... Para um religioso é indispensável fazer a experiência espiritual de Deus; quer dizer, é necessário que Deus seja alguém na vida. Não podemos viver na solidão».⁶² Basílio tem esta imagem surpreendente e verdadeira: «Pode haver religiosos que, depois de quarenta anos de vida religiosa, se as percutimos, soam vazios, o ruído é de um tronco vazio. A razão é simples: Nunca fizeram a conversão de base».⁶³ Basílio retorna seguidamente sobre esta idéia que o amor se diz na totalidade da doação: «Os que se comprometem pelo voto de castidade, entre nós, empenham o coração, a psicologia, as forças, num amor irreversível e sem partilha».⁶⁴ Não hesita em ser cru para indicar onde se encontra o centro do voto: «... O voto de virgindade não é voto orgânico, nem genital e, talvez para me expressar um pouco brutalmente, lhes diria que nossos órgãos genitais

⁵⁸ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 10.

⁵⁹ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, p. 3, janeiro 1973, Norte, Espanha.

⁶⁰ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, p. 13, janeiro 1973, Norte, Espanha.

⁶¹ Circ. 2 de Janeiro 1968, *Os apelos do Fundador*, p. 599.

⁶² *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 14.

⁶³ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, p. 31, janeiro 1973, Norte, Espanha.

⁶⁴ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 1.

importam muito pouco ao Senhor. O que lhe importa é nosso coração, nossos olhos, nossa psicologia». ⁶⁵ Mesmo para uma pessoa humanamente madura e equilibrada, a virgindade só se decide e se vive em forte relacionamento com o Senhor: «A virgindade, hoje, só pode manter-se por meio de um duplo respeito:

1 – A formação afetiva e sexual integral. Isso, porém, é completamente insuficiente, razão pela qual é necessário acrescentar imediatamente

2 – A experiência vivida, tangível e cultivada do Senhor, sem o que é impossível a um homem viver sozinho». ⁶⁶ Lá onde o amor é a motivação e a energia da virgindade, que tipo de religioso se encontra? «Numa psicologia em que sexo e amor foram integrados, a virgindade produz corações capazes de amar, de comungar com a vida real, com os sofrimentos, com as alegrias e as grandes necessidades da humanidade. Pelo contrário, quando essa integração não se produz, a pretensa virgindade só produz pobres celibatários endurecidos, aburguesados, que arranjam muito comodamente sua vida, colocando em comum o salário a fim de levar uma existência muito agradável e sem preocupações. É uma trapaça». ⁶⁷ É claro que essas citações foram extraídas de uma palestra, mas remetem a uma vida, a esse estilo que a vida toma quando Deus é o ser amado e amante: «O regime de virgindade deve ser uma fábrica de amor e não o cemitério do amor». ⁶⁸

Ressaltamos, sobretudo, que a virgindade é o fruto do amor que Deus nos tem, que nos seduz e a que tentamos responder também com o coração. Mas o próximo ganha nesse dom e torna-se testemunha de uma virgindade bela, dinâmica, fecunda: «A mola das molas da vida comunitária é o amor verdadeiro e a capacidade de criar a amizade, de ir pontilhando de amigos o caminho da vida». ⁶⁹ Na circular *A vida comunitária*, aos falar dos votos, escreve: «Não cremos apenas em Deus, mas também no próximo; não esperamos somente em Deus, mas também no próximo; amamos com a mesma e única caridade a Deus e ao próximo». ⁷⁰ Ele se torna mais explícito: «Há coisas que falam por si. Se a pobreza, a castidade e a obediência não têm outra finalidade que amar, é evidente que por elas nos empenhamos no amor... O voto é um meio para amar o próximo, e o amor ao próximo impele a um dom comunitário de nós mesmos». ⁷¹ Para Basílio, os grandes eixos dos

⁶⁵ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 1.

⁶⁶ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 2.

⁶⁷ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 8.

⁶⁸ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 6.

⁶⁹ *Circ. A vida comunitária*, p. 176.

⁷⁰ *Circ. A vida comunitária*, p. 179.

⁷¹ *Circ. A vida comunitária*, p. 180 e 182.

votos são:

- a pobreza-liberdade e a pobreza-amor;
- a obediência-disponibilidade e a obediência-santificação;
- a virgindade-amor e a virgindade-fecundidade.⁷²

Mais do que os outros votos, o da virgindade consagrada está ligado ao amor, provém do amor e só tem sentido se amarmos, no mesmo movimento, a Deus e ao próximo. A vida de Basílio é disso uma demonstração e um modelo, como o demonstrou o capítulo sobre o amor.

2.2.2 – Coração e corpo

Depois do Concílio, infiltrou-se uma falsa interpretação na compreensão do voto; estabelecia uma dicotomia entre o corpo e o coração. Alguns diziam que bastava que o corpo se mantivesse nos limites do sexto e do nono mandamentos, uma virgindade física, mas o coração podia permitir-se mais liberdade. Basílio se insurge com força contra essa visão: «Vocês vêem, então, que grave problema pode apresentar-se para os religiosos que querem manter o voto de castidade consagrada em nível dos órgãos, mas levando uma vida mais ou menos, em nível do coração. É aposta impossível e, ademais, atitude psicologicamente anti-higiênica, porque vivem partilhados, dissociados, dado que se trata de realidades dinâmicas. Na prática, essa situação equivale a uma vida de compromisso que não produz nem a santidade do matrimônio nem a santidade que deveria normalmente decorrer da consagração virginal vivida cem por cento. De tal atitude não se pode esperar outra coisa senão celibatários endurecidos e egoístas que procuram conciliar coisas inconciliáveis».⁷³ Fala com a mesma franqueza aos Irmãos da Espanha: «Haveria muito que dizer a respeito das comodidades que nos permitimos hoje, quando procuramos o que é cômodo, os bons sofás e não queremos ouvir falar de ascetismo, do que é duro. É necessário prestar atenção porque há um problema de posicionamento psicológico e fisiológico que arrisca condicionar nossa castidade».⁷⁴ Depois Basílio mostra como o físico e o psíquico se influenciam mutuamente; nenhum deles permanece em seu domínio, mas o transbordam, invadindo-se reciprocamente. A dicotomia apenas produz um coração que se corrompe. Observa aos que se julgam anjos: «Vocês vêem imediatamente em que perigo que incorrem os que acham possível um amor profundamente espiritual entre um religioso e uma religiosa... São contos da carochinha! Por sua própria natureza, o amor a uma

⁷² Circ. *A vida comunitária*, p. 180.

⁷³ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 2.

⁷⁴ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, p. 7, janeiro 1973, Norte, Espanha.

mulher procura encarnar-se».⁷⁵

2.2.3 – Alguns princípios sadios

Basílio fala a Irmãos que são educadores, sendo que parte de sua tarefa será justamente formar jovens à castidade. Os conselhos oferecidos são válidos primeiramente para o coração do educador, depois para o do educando: «É mister educar para a castidade apresentando-a não como jugo, mas como valor... Se o jovem considera Deus mais como tirano do que pai, para quem se deve normalmente desenvolver sentimentos filiais, arrisca fortemente afastar-se da fé cristã, porque ninguém gosta de um tirano. Demasiados jovens nada compreendem do sentido positivo da castidade, que é a virtude do SIM e não a virtude do NÃO. É a virtude do SIM ao diálogo, ao sexo, ao amor e mesmo ao prazer... A castidade nada mais é do que a virtude que ensina a um ser a dialogar o amor e o sexo...».⁷⁶ Mais diretamente, dirige-se a nós, como pedagogos: «É necessário temer os pedagogos incapazes de descobrir o firmamento dos valores que se encontra além do teto das leis. A liberdade nunca se forma mediante um teto moralizante, que não chega a descobrir o firmamento azul dos valores... Hoje dá-se à juventude tudo o de que necessita para viver humanamente e mesmo religiosamente, mas falta-lhe o essencial: educadores que vivam junto dela e não educadores que vivem a milhas de distância, contentando-se em ensinar-lhe Matemática, Física, Química, etc, depois bom-dia. É necessária a comunhão vital, a proximidade, a disponibilidade, mesmo em nossas próprias residências».⁷⁷ Chama também nossa atenção sobre o estilo de pedagogia demasiadamente mole e que nada ousa exigir dos jovens, ou ainda sobre uma espécie de mescla selvagem, em moda, em que os educadores não levam em conta os problemas reais vividos pelos adolescentes. Enxerga nisso uma espécie de demissão da responsabilidade dos educadores.⁷⁸ A todos, mas particularmente aos que têm problemas de masturbação, e depois de ter explicado bem os diversos casos, recomenda-lhes de entregar-se à oração: «É incrível o poder de ajuda haurido na oração, a oração verdadeira e não exercícios de piedade».⁷⁹ De maneira muito realista, recorda aos Irmãos a bela cerimônia da profissão perpétua, se possível, perante uma linda estátua da Imaculada: «Tudo isso é muito bom, mas aguardem um pouco; depois de cinco, seis, sete anos... aparece uma

⁷⁵ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 7.

⁷⁶ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 8.

⁷⁷ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 9.

⁷⁸ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, pp. 7-8, janeiro 1973, Norte, Espanha.

⁷⁹ *Apelo à renovação: Virgindade consagrada*, p. 21, janeiro 1973, Norte, Espanha.

mulher jovem, bonita, nobre, digna, mas que nada compreende dos valores da virgindade – para ela bagatelas... e que lhe oferece amizade, afeição, e você se sente amado de veras; ela pode torná-lo feliz, ser mãe esplêndida de seus filhos. Irmãos, é o momento de pagar a fatura, é o momento de dizer ao Senhor: ‘Senhor, minhas palavras não foram brinquedo de criança, foram palavras de homem’. Não é o momento de dizer: ‘Não me tinha dado conta’, ‘faltava-me experiência’, ‘não tinha descoberto isso’...». ⁸⁰

Enfim, deve-se compreender o sexo «através da tríplice luz: criação, queda e redenção. Pela criação, é indiscutível, o sexo aparece como dom de Deus em todo seu esplendor e grandeza. Pela queda, apresenta-se como alguma coisa que continua a ser boa em si, mas que se torna um piso escorregadio, onde é necessário manobrar suavemente, com cuidado. Pela redenção, Jesus Cristo assumiu o sexo, restabeleceu-o em sua grandeza...». ⁸¹ Basílio nunca tem uma visão negativa desse poder de amor que foi colocado em nós, mas sabe ser realista e libertador de uma visão por demais puritana: «Se considerarmos o sexo unicamente sob o aspecto da queda, torna-se tabu, obscurantismo, jansenismo, puritanismo, etc. Um autor dizia, ao falar dos hábitos maus de certos puritanos: «Eram tão vis e hipócritas que não tinham sequer a coragem de dizer o que faziam». ⁸²

Basílio era homem íntegro, generoso, que tinha o senso do compromisso e da fidelidade. Ao emitir o voto de castidade, sabia a que renunciava: à beleza do amor humano, à maravilha de uma família própria; algumas de suas páginas falam disso com a lucidez e a paz que sabe guardar. Mas se ele se compromete nesse caminho difícil é porque está seguro de chegar a um amor mais universal, mais assombroso, que plenifica todo o coração: o amor de Deus que o chama ao amor de todo homem e do homem todo. Nessa maneira peculiar de encarar esse voto, exigente e nobre, ele se admira que religiosos façam o grande sacrifício do amor de uma mulher e da família para, depois, levar vida insípida e entediada. Escreve aos Irmãos: «Seria verdadeira brincadeira estúpida e farisaísmo, se o voto de castidade devesse conduzir a uma vida cômoda, burguesa, sem amor, tratando de procurar secretamente o que se sacrificou voluntariamente por amor do Senhor... Não, isso não levaria realmente a nada. E vocês compreendem porque uma congregação religiosa não quer comprometer-se em semelhante farisaísmo: preferimos ter dez vezes menos religiosos, mas que queiram viver a totalidade do dom feito a

⁸⁰ *Bética Marista*, n.º 56, fevereiro 1973, p. 96.

⁸¹ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 11.

⁸² *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 12.

Jesus Cristo».⁸³ Contra toda teoria que pudesse acumular razões e pretextos para uma doação menos total, Basílio responde: «A vida, a experiência, zomba de todas as teorias e nos coloca todos os dias diante dos olhos dramas penosos que se encarregam de demolir muitas teses sem fundamento sério. Depois de abandonar a oração e ter-se entregado a todas as imprudências, pretender-se-á ser autêntico, anunciando que se servirá melhor a Igreja trabalhando como leigo, etc. São balelas muito fáceis de dizer em declarações para a imprensa. Mas a vida se encarregará de falar, com o passar do tempo».⁸⁴ Esse voto só se vive por um amor a Deus, renovado todos os dias: “É necessário não esquecer que saber amar não é coisa fácil... Há momentos em que a comunidade, embora ajudando muito, não consegue suprir o lar a que renunciámos. Só resta, então, o contato real com o Senhor na oração que nos possa ajudar a conservar e a tornar realmente fecundo nosso voto de virgindade. Fora desse sistema, a virgindade se torna difícil, para não dizer impossível. Se quisermos agüentar, ser fiéis e felizes, é necessário viver na oração e na prudência”.⁸⁵

A linguagem de Basílio é franca e clara. Esse ensino provém de um homem informado, apaixonado pela vida, entusiasta para vivê-la em plenitude, e que irradia entusiasmo. Ele soube unificar o conjunto de suas forças e atingir uma maturidade sólida. As funções que assumiu fizeram-no um perito em humanidade: muitos solicitaram-lhe ajuda para uma doação mais total ao Senhor. E o Senhor foi sua paixão; apostou tudo nele. Esta a virgindade de Basílio: *queimar a vida por Cristo* e até acender a vela pelas duas pontas: é o efeito da irrupção do amor de Deus. Queria que os Irmãos fundamentassem em experiência semelhante sua virgindade para que sua vida se tornasse amor.

⁸³ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 14.

⁸⁴ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 15.

⁸⁵ *Appel au Dépassement*, conferência sobre a virgindade, p. 14.

TEXTOS

1. Maturidade espiritual

Vamos dizer brevemente o que se entende por maturidade espiritual no campo do sexo. Trata-se da invasão da graça no domínio do sexual e da visão do sexual através de uma óptica cheia de fé. Trata-se de encarar o sexo não como tabu nem como mal, mas à luz da fé, deixar a graça invadir o campo desse diálogo do sexo e do amor.

A maior coisa que Jesus nos revelou sobre Deus é que Ele é Pai. Melhor dizendo: Deus não é celibatário. Deus é amor. O Deus cristão é família. É Pai desde toda a eternidade no seu Filho, mas quis prolongar sua paternidade ao criar o homem. O homem, mesmo se quiserem imaginá-lo através da evolução, não foi criado por Deus como criatura, mas como filho. Em seguida, Deus, por assim dizer, atou suas mãos e não gerou mais outros homens, deixando aos próprios homens a tarefa de satisfazer seu desejo de ser pai e de lhe dar filhos. Deu-lhes o poder, o instrumento que é o amor, o sexo e o matrimônio...

O sexo integrado no amor vai desempenhar um papel psicossomático dando filhos a Deus. Ninguém pode ter uma óptica exata do sexo cristão, se não o vê através da tríplice luz da criação, da queda e da revelação. Não há nenhum homem em quem o sexo se encontre inteiramente purificado e não apresente certo perigo... Somos todos homens. Lembro-me desta passagem extraordinária de um filósofo mexicano em livro intitulado *Ladainhas do entardecer da vida*: «Eu quis ser arcanjo, e Deus me respondeu: “Basta que seja homem!”».

O sexo, portanto, deve ser considerado na óptica da fé. Se o enxergarmos apenas através da criação, o sexo é bom, mas pode então pregar-nos muitas peças ruins, que nos fariam lastimar de não ter refletido.

Se o consideramos unicamente no aspecto da queda, ele se torna tabu, obscurantismo, jansenismo, puritanismo...

A óptica verdadeira sob a qual devemos encarar o sexo, seja para as pessoas casadas, seja para os religiosos, é a da tríplice luz que acabamos de descrever. (*Apelo à auto-superação, conferência sobre a virgindade*, pp. 10-12, retiros de 1970, Canadá).

2. Um tesouro em vaso de barro

É exato que carregamos coisas de valor em corpo muito frágil. É exato

também que a Virgindade é dom de Deus e carisma. Não é todo o mundo que pode consagrar sua virgindade ao Reino. Devemos agradecer a Deus, porque pelo menos no desejo, possuímos esse carisma. Mas, como para qualquer outra virtude ou dom, o esforço para consegui-lo apresenta duas partes:

A ajuda de Deus, de quem procede todo dom, e a colaboração de nossa parte (é aqui que por vezes cansamos).

Nessa dualidade, constatamos, por um lado, a persistência e o amor do Pai, que nos ajuda, nos estimula, independentemente de nossa resposta; e, por outro lado, constatamos, com humildade, que nosso esforço, às vezes, sem mais, se entrega, muito mais por fraqueza do que por malícia. Tudo isso devemos apresentá-lo ao Senhor. É importante, Irmãos, que na posse desse dom, procuremos os elementos humanos que interferem com o que é dom estritamente sobrenatural, para que num momento de crise, de dúvida ou de hesitação, saibamos ver o risco que corremos de jogar fora tudo o que é dom...

Para bem viver a vida religiosa e testemunhá-la, é necessário ter boa formação sexual, relacionada a uma boa maturidade sexual... A maturidade sexual é insuficiente para viver a virgindade consagrada. Não se trata absolutamente de bancar os machões, trata-se de ser escravos do Senhor e dizer, com nosso *fiat*, que se faremos o que prometemos, e a graça completará o resto. Mas nosso sim deve ser lógico, coerente.

Agora, para que perante os jovens com quem vivo, os meus Irmãos, meus parentes, minha mãe, o meu testemunho sobre a castidade seja eficaz, devo possuir formação adequada. É nesse domínio que, por vezes, não digo que falhemos, mas que experimentamos certo temor de manifestar que somos conscientes de nossa opção e daquilo a que renunciamos...

A maturidade total, em todos os níveis, será muito difícil de alcançar, e ninguém poderá dizer: obtive dez sobre dez em todas as escalas de minha personalidade...

A maturidade psicológica consiste em compreender o problema do amor. Um homem é maduro quando os dois núcleos componentes de sua personalidade: sexo e amor chegam a integrar-se num só. É como um fruto. É nisso que consiste a maturidade psicológica, seja naquele que quer viver virgem, seja no casado. (*Apelo à auto-superação, Virgindade consagrada*, p. 1, janeiro de 1973, Norte, Espanha.)

3. Sobre o conjunto dos votos

Acreditamos não somente em Deus, mas também no próximo; esperamos não apenas em Deus, mas também no próximo; amamos com a mesma e única caridade a Deus e ao próximo.

Dessa forma, os religiosos são testemunhas do Cristo neste mundo e querem ser sinais da fecundidade de seu Espírito, comunicado e tornado visível numa vida que não é apenas unidade, pobreza, obediência e virgindade, mas que é para Deus e o próximo. Trata-se de tornar visível esse “ser para o próximo”, e visível mediante os votos, que aparecem precisamente como algo que foi feito por amor e vontade de serviço que devemos aos demais. Sim, com efeito, não se trata apenas de questão de resignação ao inevitável, mas de ato vivo pelo qual a gente se compromete, em público, fazendo profissão com a vontade de nela manter-se definitivamente.

Ora, quem faz profissão dos meios, com maior razão, o faz da finalidade. Há coisas que são óbvias. Se a pobreza, a castidade e a obediência não têm outro objetivo senão amar, é evidente que, por elas, a gente se compromete ao amor.

No mundo, em meu próprio mundo, há pessoas que emitem o voto de amar-me e, em resposta, faço voto de amá-las; em ambos os casos eficazmente. Esse grupo de pessoas que se amam dão testemunho perante as demais:

- de pobreza-liberdade e de pobreza-amor;
- de obediência-disponibilidade e de obediência-santificação;
- de virgindade-amor e de virgindade-fecundidade.

No dia em que o mundo enxergar os religiosos sob esse ângulo, como homens que fizeram de sua vida um “ser para os outros” em benefício da humanidade e definitivamente, acabar-se-á por amar e admirar a vida religiosa.

Isso significa que os votos, cujo objetivo é destruir nosso egoísmo, criar, dirigir e consagrar todas as energias da caridade existente nos corações, engendram um dinamismo que vai diretamente a Deus e ao próximo. Indo além, dir-se-ia até que vai mais a Deus do ponto de vista afetivo, dado que Deus não necessita de nós para si, mas quis ter necessidade de nós para o próximo, pois este precisa de nosso amor. (Circ. *A Vida comunitária*, pp. 179-181).

4. O desejo do Filho

Os chineses dizem que um homem não pode retornar à terra sem ter escrito um livro, plantado uma árvore e gerado um filho. Quer partir sabendo que

sua vida serviu para alguma coisa, e não partir de mãos vazias. Pois bem, há momentos em que o desejo de ter um filho podem ser sentidos como necessidade profunda...

Irmãos, uma das tentações mais fortes e mais dignas, em que o homem libera toda a potência de seu ser, toda a potência de seu amor profundo, não está no fato de ter uma mulher e torná-la feliz, mas no fato de gerar um sucessor e deixar algo na vida. Nesses momentos de tentação, é necessário recordar que nossa vida religiosa possui uma fecundidade enorme, se soubermos vivê-la apaixonada e amorosamente; e é dessa maneira que devemos vivê-la. Eu mesmo sou apenas um pobre homem, mas me pergunto: Será que eu poderia ter feito o bem, que o Senhor quis fazer pelas minhas mãos, no mundo, entre os homens e as mulheres, as crianças, os padres e religiosos, caso me tivesse casado? Necessitava de liberdade, de disponibilidade, de não estar ligado a uma pessoa, para poder ser de todos e para que ninguém tivesse o direito de me dizer seu; para que sem espírito possessivo, eu pudesse permanecer aberto a todas as necessidades.

E agora para vocês, Superiores: Irmãos Superiores, cuidem da força do coração; que a riqueza apostólica, a riqueza pessoal, que o voto de virgindade tornou livres para o serviço da humanidade, possam atingir todos os lugares onde o amor não chega, para que sejam amados os que não recebem amor de ninguém. Que possam ser amados graças às estruturas, exigentes sob o ponto da virtude, mas abertas à pastoral, que não fecham e não inibem o poder e a disponibilidade, liberadas pelo voto de virgindade. Isso é capital para que possa existir realmente a fecundidade apostólica aqui embaixo. Então sim os religiosos e o voto de virgindade serão uma bênção para o mundo. (*Bética Marista*, n.º 56, fevereiro de 1973, pp. 95-96).

3

A OBEDIÊNCIA

PAIXÃO PELA VONTADE DE DEUS

Na vida do Irmão Basílio nenhum voto foi vivido de maneira tão concreta e apaixonada como o voto de obediência. Ao tornar-se Superior-Geral, está consciente de que o Concílio conclama à renovação; para ele é mandamento. Reflete sobre isso e escreve, com certeza, a mais bela e profunda de suas circulares, aquela sobre *A Obediência*. Apaixonado pela vontade de Deus, deve procurá-la como Superior-Geral, todos os dias, para si e para toda a Congregação. Esforça-se nisso honestamente, exercitando-se em momentos precisos em que obedecer pedia uma generosidade fora do comum. Assim, sua obediência nada tem de estreiteza: apenas o que dizem as Constituições, apenas o que o superior quer! É procura amorosa da vontade do Pai e o esforço para vivê-la. Para um Superior-Geral, isso é mais da ordem de uma epopéia: sua obediência tem implicações imediatas sobre 9.000 Irmãos, sobre seu apostolado junto a 500.000 jovens, em centenas de dioceses e de países. Ela pode significar vida, dinamismo, criatividade, verdadeiro apostolado, abertura ao Espírito de Deus... e felizmente foi isso.

3.1. O mandamento da renovação

Eram tempos muito particulares, quando Basílio foi eleito Superior-Geral. A Igreja acabava de encerrar o Concílio Vaticano II e os documentos deviam ainda ser estudados para uma lenta assimilação. Sobre a Igreja, tinha soprado o Espírito de renovação e de juventude e ela pedia a todos os Institutos religiosos a realização de um trabalho de renovação pela volta às fontes, uma adaptação ao mundo atual e uma invasão do Espírito do Evangelho.

Sabemos que, entre nós, o Capítulo Geral de 1967 foi o Capítulo especial que a Igreja solicitou. E como teve de pensar na renovação e na reelaboração das Constituições, prolongou-se na segunda sessão de 1968: «Este Capítulo, cuja segunda fase estamos vivendo, a Igreja quer expressamente que comporte, para o Instituto, um exame de si próprio, de seu ser, de seu agir, de seus

membros e das leis que o governam».⁸⁶ Basílio vê como vontade Deus o que a Igreja pede ao Instituto, particularmente a ele, que deve dirigi-lo. Nos retiros, que vai pregar na América Latina, 1969-1970; no Canadá, verão de 1970; na Espanha em 1972, sempre oferece aos Irmãos longa reflexão intitulada: *O Mandamento da Renovação*.⁸⁷ Para os Irmãos, que escutam seu Superior, é significativo o título do conteúdo do retiro: *Apelo à Auto-superação*, ou *Apelo à Renovação*, (*Llamamiento a la Renovación*). Isso explica de que maneira Basílio compreendia a vontade da Igreja. Podemos dizer que já nos tinha alertado desde sua primeira circular, destinada a dar a justa luz e a justa direção aos trabalhos da segunda sessão do Capítulo Especial para que a renovação comece no bom caminho. Essa circular de 2 de janeiro de 1968, cansa por sua extensão, quase 700 páginas, no entanto, é de riqueza doutrinal excelente e de audácia profética a que a Congregação não estava habituada. Até o título não é anódino: lembra o aniversário da fundação, justamente porque a Congregação se empenharia num tempo de renovação.

Nessa circular Basílio precisa as condições da verdadeira obediência à Igreja: conhecer os documentos do Concílio, reencontrar a verdadeira imagem de nosso Fundador, encarar o mundo em que vivemos. Essas três condições constituem a parte mais longa e mais importante da circular: *os apelos do mundo*,⁸⁸ perto de 180 páginas; *os apelos da Igreja*,⁸⁹ 130 páginas; e *os apelos do Fundador*,⁹⁰ uma centena de páginas. Ao lê-la, encontramos um homem penetrante, novo, audaz, que é o primeiro a fazer esse esforço de inteligência, fé e amor que isso requer. Comunica aos Irmãos seus pontos de vista, mas também seu entusiasmo e sua generosidade. Essa obediência inteligente e amorosa é assim infundida a toda a Congregação. Continuará esse trabalho durante todo o primeiro mandato. É nessa óptica que se pode ler a circular sobre *A Vida Comunitária*, em que todo o esforço consiste em indicar pistas para obter uma vida comunitária mais fraterna, mais evangélica, mais audaz no apostolado. Por ocasião da primeira Conferência Geral, em julho de 1971, sua *Meditação em voz alta*, perante os Provinciais, quase os violentou para que eles e as Províncias se pusessem na via da renovação: «Sinto crescer em mim, com força irresistível e espontânea, a decisão de apoiar, nos limites de minha autoridade e no quadro da colegialidade, a execução leal, o desenvolvimento e

⁸⁶ Circ. 2 de janeiro de 1968, p. 4.

⁸⁷ *Appel au Dépassement*, 13, A Renovação, retiros de 1970, e *Bética Marista* 52, outubro 1972, e *Apelo à renovação, o mandamento eclesial: a renovação*, fevereiro de 1972.

⁸⁸ Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 161-342.

⁸⁹ Circ. 2 de janeiro de 1968, pp.347-474.

⁹⁰ Circ. 2 de janeiro de 1968, pp.478-587.

a realização da forma pós-conciliar e pós-capitular da vida marista. Espero que também vocês, Provinciais, saibam, nos momentos de oração, perscrutar o Espírito para perceber-lhe as moções... O importante é que o sopro venha do Espírito e que saibamos descobri-lo em tempo. Permito-me retomar esse ponto, porque no dia em que a vida religiosa renunciar a viver do Espírito Santo para se nutrir somente de um ‘texto que se repete’, terá renunciado não apenas à sua substância cristã, que é o caminho vivido na santa liberdade dos filhos de Deus, mas também a seu caráter próprio no seio do povo de Deus, a saber, a sua natureza carismática». ⁹¹ Sem dúvida, o Pe. Manuel Portillo foi quem mais ajudou Basílio nos retiros pregados na Espanha e na América Latina. Sobre esse ponto da obediência à Igreja o vê assim: “Denominamos profetas essas pessoas que, da parte de Deus, são capazes de pressentir as novidades que Deus vai trazer aos homens no futuro. O Irmão Basílio, na seqüência do Vaticano II, já cumpria o que nos recomendou o Sínodo extraordinário de 1986, haurindo nas fontes da tradição, à escuta do Espírito Santo, para refazer tudo de maneira nova. Sem ter mudado o Instituto, graças ao Irmão Basílio e a tantos outros Irmãos, tudo é novo. É ‘todos irem ao noviciado;’ ⁹² é refundar o Instituto. É fazer mais uma vez algo novo, como Champagnat” ⁹³.

A renovação visada por Basílio não é apenas de ordem intelectual e estrutural, ele desce ao coração da vida religiosa e quereria que os Irmãos renovassem a maneira de rezar, se tornassem mais espontaneamente os familiares de Deus pelo esforço prolongado de contemplação e de assimilação da Palavra. É esse espírito que inspira a circular *Colóquio sobre a Oração*, todos os retiros sobre a Oração e a circular *A Oração*. Em muitos encontros insiste também na qualidade da formação a ser dada aos jovens Irmãos para que sejam apóstolos na sociedade a que pertencemos. A circular *O Espírito do Instituto* nos reconduz às fontes, mostra-nos a limpidez e os valores cristãos e humanos que elas nos oferecem. Para voltar os corações dos Irmãos ao Fundador, Basílio lança *o Ano de Espiritualidade Champagnat*, faz de *l’Hermitage* o santuário de nossa família e escreve a breve, mas densa circular do vigésimo quinto aniversário da beatificação: *1980, Ano Champagnat*.

Para obedecer bem ao mandamento da renovação é necessário conhecer e amar a Igreja, os documentos do Concílio, o Fundador, nossas origens e nosso espírito, o mundo em mudança, mas também renovar o coração perante Deus.

⁹¹ *Meditação em voz alta*, pp. 348-349, 353.

⁹² *Circ. Projeto comunitário*, p. 7.

⁹³ *Fms-Mensagem*, n.º 19, maio de 1996, p. 35.

Parte integrante da Obediência são os métodos de trabalho: enquetes, estatísticas, a consulta aos especialistas. Elas permitem os conselhos e as decisões apropriadas; conduzem à renovação inteligente, esclarecida, adaptada à Congregação.

A renovação vai aplicar-se a todos os domínios da vida marista: estruturas de governo central ou provincial, com a inovação dos capítulos provinciais, as Constituições, que se tornarão mais evangélicas, a vida comunitária, o estilo de oração mais espontânea e mais verdadeira, o apostolado que começa a preocupar-se também com os jovens que não freqüentam nossas escolas, as missões e os pobres. De fato, o campo da obediência é imenso, holístico, se podemos empregar essa palavra. Basílio queria, sobretudo, que a obediência proviesse do coração, porque somente o coração pode transformá-la em amor, sendo o amor a verdadeira natureza do voto e da virtude da obediência.

Resta outro ponto em que Basílio conseguirá êxito magistral: será uma reflexão-testemunho sobre a vontade de Deus, que resultará em pura obra-prima de escrito espiritual, a circular sobre *A Obediência*.

3.2. Uma circular preciosa

É a grande lição que Basílio dá aos Irmãos: a paixão amorosa à vontade do Pai; a convicção vivida de que a vontade de Deus sempre significa uma expressão de amor e um acréscimo de vida: o único caminho do desenvolvimento total do homem. Lemos isso da primeira à última página da circular sobre *A Obediência*.

Essa circular, de 30 de maio de 1975, de extensão média, 150 páginas, é com certeza, a mais bela que Basílio escreveu, ou pelo menos, a que revela um homem apaixonado por Deus, disposto a executar sempre a vontade do Pai e de fazê-la por e com amor. É o escrito de um mestre de espiritualidade, familiarizado com Deus e também perito em humanidade. Isso lhe permite intermediar as mais íntimas experiências e convicções às situações concretas de obediência vividas pelos Irmãos. No depoimento deixado em favor de Basílio, o Pe. Manuel Portillo faz esta confidência: «Certo dia preparávamos material sobre a obediência. Ele dizia: ‘Nunca recearia amar a vontade de Deus sobre nós, sua vontade é amável e nos ama’. Para mim, foi a idéia que me ajudou a viver o dia na contemplação».⁹⁴

⁹⁴ *O Estilo de uma Vida*, p. 55.

Essa circular nos mostra como permanecer na busca da vontade do Pai, como ligar nossa obediência àquela de Jesus, que é a lei fundamental e a fonte,⁹⁵ qual o papel da mediação, do discernimento, do diálogo e a metanóia que exige.⁹⁶ Basílio conduz a Congregação, as Províncias, as comunidades a uma obediência responsável e adulta. Desperta para a realidade da obediência do grupo. O voto de obediência não diz respeito apenas aos indivíduos, mas também à comunidade em seu conjunto, que deve procurar o que Deus lhe pede como grupo em sua vida fraterna e na sua vida de missão. É a essa preocupação que respondem as duas circulares sobre *O Projeto Comunitário*, 1978, e *O Projeto de Vida Comunitária*, 1980. Que fonte de vida, de santidade e de apostolado para as comunidades, se anualmente elas se fazem, em paz, mas honestamente, a pergunta: «O que é que Deus, o Pai, quer de nós neste ano?». E sobre a resposta elas constroem seu projeto de vida. É exigente! É vital! É novo todos os anos, todos os dias. Está longe de uma esclerose espiritual. Tal obediência enobrece deveras quem a vive: impregna o coração com as atitudes de Deus.

Mas pode-se rezear que essas duas circulares estejam ainda em estado de hibernação em nosso Instituto.

Esse rápido percurso através da circular sobre *A Obediência* tinha por objetivo mostrar onde se achava a fonte da obediência de Basílio: o coração, um coração seduzido por Deus e convencido da paternidade de Deus. Há também um segundo objetivo, o de evidenciar o esforço de inteligência e de educação para que a obediência cresça qualitativamente em toda a Congregação. É o esforço de um homem responsável pela obediência de seus Irmãos, pela densidade da vida espiritual da família.

O melhor testemunho que podemos dar em favor da circular sobre *A Obediência*, será oferecer diversas de suas páginas e convidar os Irmãos e os amigos a tomar essa circular como livro para um tempo forte de espiritualidade: recoleição, retiro. Sua leitura acenderá uma chama e uma luz para iluminar e aquecer o coração.

3.3. A obediência de um Superior Geral

Não falamos de outra coisa até aqui. No entanto, podemos dizer mais. Em

⁹⁵ Circ. *A Obediência*, pp. 42-48.

⁹⁶ Circ. *A Obediência*, pp. 58 e 79.

primeiro lugar, Basílio estava consciente de que tinha de viver uma obediência particular e que devia ser o primeiro a se pôr em busca da vontade de Deus para si e para a Congregação. Externa os sentimentos que experimentou nos primeiros dias de sua eleição: «Responsabilidade confusa: bem essa era a que se me apresentava. Estava longe de conhecer com exatidão em que me empenhava, o alcance e os limites de minhas obrigações, os meios reais para desincumbir-me. E também saberia eu se o Capítulo obedeceria realmente ao sopro do Espírito, procuraria, nas decisões finais, o caminho estreito do Evangelho ou o da facilidade?... Uma coisa é a obediência entusiasta e alegre às ordens de um superior responsável, e outra coisa é tornar-se pessoalmente responsável por todo o Instituto».⁹⁷ Depois faz-nos entrar em sua alma: “Entretanto, chegado o momento, fiz minha escolha, aceitei. Não de forma improvisada, porque uma alma caridosa me tinha avisado que eu estava na lista dos candidatos. Tive, portanto, de prever e refletir muitas vezes . E foi depois de ter hesitado interiormente algum tempo, rezado e meditado muito, que proferi meu *Fiat*. Só Deus é juiz das intenções dos homens. Coloquei-me em suas mãos paternais...”⁹⁸

Basílio, portanto, está consciente de que irá abrir o grande trabalho da renovação da vida marista, e, com outros Superiores Maiores, da vida religiosa sem mais.⁹⁹ No cotidiano, porém, como se evidenciava essa obediência de um Superior-Geral?

É permanecer constantemente em atitude de doação e de serviço. Que pode Deus pedir a um Superior-Geral senão de ser o pastor, de ter verdadeiro cuidado do rebanho e, portanto, de aceitar o trabalho que isso significa? O imenso trabalho de Basílio, as vigílias, as longas viagens, a acolhida em dirigir tantos Irmãos, os retiros pregados em outras famílias religiosas, as missões delicadas que, por vezes, a Igreja lhe confiava, tudo isso não é parte importante de sua obediência? Sim, dado que Deus lhe colocou sobre os ombros essa responsabilidade. E Basílio a assume plenamente, com entusiasmo, semeando alegria, na atenção constante à pessoa. Longe de ser resignação à tarefa, em Basílio, é alegre generosidade. Isso não quer dizer que não pague tributo ao cansaço, à doença, ao desgaste prematuro. Sabe muito bem que está queimando a vela por ambas as extremidades, mas é pelo Senhor, é seu ideal. Compreendemos, então, por que se impõe, no percurso das viagens, grandes desvios para encontrar-se com um Irmão, discernir com

⁹⁷ Circ. 2 janeiro de 1968, p. 4.

⁹⁸ Circ. 2 janeiro de 1968, p. 5.

⁹⁹ Ir. Basílio: *Quero despertar a aurora*, Roma, 2002. O título do livro foi sugerido por diversas testemunhas que afirmam que ele desejava ajudar a aurora de uma nova vida religiosa.

ele a vontade de Deus, ajudá-lo a acolhê-la. Deus lhe pedia que estivesse próximo de todos, particularmente dos que sofriam no caminho. Fez-se especialmente próximo de certo número de Provinciais que, junto com ele, passavam pela tormenta do pós-Concílio e os ajudava a carregar sua cruz, a servir a Deus naqueles anos terríveis. O depoimento do Ir. José Antonio Guardado, de São Salvador, é muito interessante. Na entrevista tida com ele, Basílio lhe pergunta à queima-roupa: «Irmão José Antonio, você acredita que vai enlouquecer, se ficar Provincial? – Não acredito chegar a isso... – Então, Ir. José Antonio (prosegue Basílio), não se preocupe mais com você, preocupe-se com seus Irmãos. – Colocara-me em xeque-mate... Devo dizer que o retiro com o Irmão Basílio foi para mim um plano de ação para os seis anos seguintes em que tive de servir meus Irmãos. Suas enquetes... indicaram-me a pista de trabalho».¹⁰⁰ O Ir. José Manuel Gómez, que era Provincial da Colômbia, escreve: «Ajudou-me cada vez que recorri a ele, seja para minhas necessidades pessoais, seja quando o consultava em certos casos difíceis de Irmãos da Província. Não media seu tempo nem de dia nem de noite...».¹⁰¹ A porta de seu gabinete acha-se sempre aberta e as horas passadas em acolher, escutar, encorajar são inumeráveis. Discerne, assim, a vontade de Deus e ajuda os Irmãos a discerni-la. Todos os volumosos relatórios das visitas às Províncias têm o cuidado de esclarecer, endireitar, animar, dizer a verdade e, sobretudo, buscar com os responsáveis o que Deus pede a essa Província. Em certa Província é a oração que é necessário tonificar; em outra, a audácia apostólica; ou ainda a vida comunitária para que se torne mais evangélica, ou a pobreza que se esvai no aburguesamento; ou um estilo de vida muito monacal, que ignora o mundo e seus apelos. É sua responsabilidade ajudar toda a Congregação a melhor dizer sim a Deus e, portanto, impulsioná-lo à leitura dos sinais dos tempos.¹⁰²

Saber ler os sinais dos tempos é uma das faculdades dos profetas. Reconheceu-se muitas vezes essa qualidade no Irmão Basílio, e ele próprio refletiu muitas vezes sobre isso.¹⁰³ Para ser profeta, são necessárias duas condições: com uma das mãos segurar a mão de Deus e, com a outra, tomar o pulso do mundo. Basílio, aberto para Deus, foi sempre apaixonado por nosso mundo, acompanhando-o nas diversas mudanças e a qualquer momento sabia falar dele com propriedade.

¹⁰⁰ Depoimento datado 2 de setembro 2002.

¹⁰¹ Depoimento escrito em setembro 2002, Manziana, Roma.

¹⁰² Dispomos de certo número de relatórios das Províncias: Córdoba (Argentina), Zaire-Ruanda, Suíça, Esopus (Estados Unidos), Porto Alegre (Brasil), Uruguai, Castela (Espanha, Paraguai, Portugal... Ficaria pesado estudá-los neste capítulo sobre a obediência).

¹⁰³ *Queimar a Vida*, pp. 304-305.

Na sua sensibilidade ao sobrenatural, Basílio vê muitas vezes a ação do Espírito: o Concílio é visto como verdadeiro Pentecostes; os belos textos do Capítulo Geral trazem a assinatura do Espírito; as novas Constituições nascem sob o seu sopro. Fica atento ao Espírito e acolhe as intuições que lhe dá, embora isso signifique uma montanha de trabalho a mais, como foi o caso da circular sobre *A Fidelidade*: “Há uns sete anos que, pela primeira vez, me veio, como um raio de luz, a intuição deste livro. Ao redor dessa intuição aglutinou-se uma montanha de confidências comoventes que eu tinha recebido e recebia. Deixava o coração expandir-se de admiração perante todas essas formas de fidelidade e de perseverança em nossa Congregação.

Uma germinação havia precedido, sem me aperceber, a partir dessas entrevistas inesquecíveis em que Irmãos transvasavam recordações, alegrias, dificuldades, crises, quedas, soerguimentos, mil detalhes de sua existência vivida para Deus. E, insensivelmente, se me impunha a idéia de escrever...”¹⁰⁴

Basílio nos convida a uma obediência dinâmica, viva, cotidiana. Deus lhe dera dez talentos e esperava dele que os fizesse produzir. Junto com muitos Irmãos, reconhecemos que os dez talentos renderam muito na Congregação e na Igreja.

3.4. E momentos mais evidentes

Agora que estamos familiarizados com aquilo que Basílio entendia por obediência – essa paixão da vontade de Deus – podemos voltar a momentos mais clássicos em que se trata de dizer um sim imediato. Foi quando concluía sua tese de doutorado, estando praticamente pronto a apresentá-la. O Provincial lhe pede que deixe os estudos e vá para o juvenato a assumir a direção. Vai ter com seu professor, amigo e modelo, Oswaldo Robles: “Veja, quando minha tese está quase pronta, eis que me mandam para outro lugar, para o juvenato”. E ele a me dizer: “Irmão, quando Deus lhe pede que vá alhures, não se deve discutir. Eu vivo na ciência. Mas a ciência não vale Jesus Cristo”.¹⁰⁵ Basílio se diz filho espiritual desse professor.

Outro momento, quase dramático, que levantou grande emoção entre os Irmãos Capitulares, foi sua eleição para o segundo mandato. Foi eleito no primeiro turno. Deu um sim total, mas difícil. Em sua simplicidade, tinha arrumado as malas, disse aos amigos que tinha terminado sua tarefa de Superior, escrito a circular de adeus: *Um Novo Espaço para Maria*. Considerava-

¹⁰⁴ Circ. *A Fidelidade*, p. 9.

¹⁰⁵ Circ. *A Obediência*, pp. 40-41.

se descarregado desse pesado fardo. Grande foi sua surpresa. Confessou mais tarde que cada cédula que se lia e levava seu nome era uma martelada na cabeça. Começou a suar de tal maneira que, em certo momento, teve de ir deitar-se para retomar o domínio do corpo. Mas no almoço festivo estava entre os Irmãos com o sorriso de sempre. Prosseguirá ainda nove anos nessa tarefa esmagadora de Superior-Geral. O Irmão Maurice Bergeret, Provincial de Notre Dame de l'Hermitage, recorda assim essa hora: «A expressão de seu rosto, no momento do escrutínio, me ficou fortemente gravada. Na qualidade de Presidente da Assembléia Capitular, o Irmão Basílio dava atenção especial à contagem dos votos, feita diante de seus olhos. No começo, a expressão era de atenção normal para o bom desenrolar das coisas. Mas, à medida que os votos com seu nome se acumulavam, seu olhar e seu rosto tornavam-se sombrios. Podia-se adivinhar terrível batalha nele. Quando sua reeleição ficou evidente, deu o consentimento com palavras que não revelavam nem emoção nem amargura; depois, acrescentou com alegria: “Digam a todos os Irmãos que os amo e vou pôr-me a seu serviço com todas as minhas forças”.¹⁰⁶ Terminado o segundo mandato, depois de um ano sabático, expressou o desejo de ir às missões de Moçambique ou de Angola.¹⁰⁷ Seu Provincial o convidou para investir um pouco de suas forças na Província de origem, o México Central. Será mestre de noviços, com toda a simplicidade. O Irmão Charles Howard lhe pede para abrir o Movimento Champagnat da Família Marista no México. Coloca-se logo a trabalhar nessa tarefa com a paixão que o caracteriza. É sempre um serviço em favor do povo de Deus, da Igreja.

Quantas vezes esse homem nos recordou a obediência à Igreja e ao Papa! Em sua primeira circular, consagra onze páginas para incentivar nossa disponibilidade à Igreja e nossa obediência ao Papa.¹⁰⁸ Recorda-nos que é mais seguro ouvir a voz do Papa do que a dos teólogos e que prefere seguir os passos dos santos do que a doutrina incerta de alguns de seus contemporâneos. Declara-se pronto, se fosse o caso, a sacrificar a Congregação, se isso devesse servir à Igreja.¹⁰⁹ Recordemos a carta de desculpa endereçada ao Cardeal Somalo, quando soube que um Irmão ousou formular críticas ao Santo Padre em tom pouco respeitoso.¹¹⁰ Estamos na

¹⁰⁶ Cf. *O Estilo de uma Vida*, p. 30.

¹⁰⁷ O depoimento se encontra em carta registrada, remetida ao Ir. Espiridião, em agosto de 1994, depois do genocídio dos Tutsi, em abril e maio de 1994.

¹⁰⁸ Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 524-534.

¹⁰⁹ Ver capítulo sobre a Igreja.

¹¹⁰ Carta inserida nos textos do capítulo sobre a Igreja.

obediência que todos os santos praticaram em relação à Igreja e ao Papa. Basílio caminha nas pegadas do Fundador. O Irmão Luís Puebla Centeno (a serviço do Vaticano) relata um fato que nos mostra a obediência de Basílio no ordinário da vida: «Certa ocasião, devendo ele proferir uma conferência, solicitada pela União dos Superiores Maiores,... pediu uma informação que lhe interessava. Ela estava ao alcance da mão, mas havia o problema que a coisa fazia parte do segredo profissional. Decidiu-se pedir autorização, justificando-a pelo uso que se faria e que o destinatário era o Superior-Geral. A autorização solicitada não foi concedida. Fez-se saber a Basílio que não se podia fornecer-lhe a informação desejada. Respondeu muito calmamente: «Não é problema, Irmão, se nos é recusada, apenas temos de obedecer!».¹¹¹ A obediência, no sentido da busca e da acolhida da vontade de Deus, lhe penetrara o tecido da vida habitual.

Seu sim o conduziu sucessivamente do México ao Equador, 1960-1964, como responsável do Mundo Melhor; do Equador à Espanha para assumir a tarefa de mestre do segundo noviciado, 1965-1967; de lá a Roma para ser Superior-Geral durante 18 anos e se tornar peregrino marista pelo mundo inteiro, 1967-1985. Seguiram-se alguns anos de parada no México, depois regressa a Roma para ser responsável, por dezoito meses, pela formação dos Formadores na Congregação, 1990-1991. Regressa a seu país para ser mestre de noviços das duas Províncias mexicanas, 1991-1996. Mas então praticamente já chegara ao porto.

Em sua última doença, diz claramente ao superior que suspenda os cuidados, se a medicina não puder garantir-lhe vida digna. A última mensagem que enviou aos amigos está cheia de confiança no Pai, em quem acreditou, e professando que sua vontade é sempre expressão de amor e de vida: «Constato, hoje, a realização prática do que me disse o Irmão Leônidas, há muito tempo: «Você queima sua vida pelos dois lados, sua vela pelas duas extremidades. E ele me enviava uma grande página de revista em que havia uma espécie de vela, bastante grossa, com os dois extremos acesos. Dei-lhe uma resposta talvez um tanto insensata: 'Isso foi sempre meu ideal'. *Queimar minha vida pelo Cristo* e pela minha Congregação, mesmo se isso devesse consumi-la em menos tempo do que ela poderia normalmente durar. Será que fiz bem? Fiz mal? Isso não me preocupa. Coloco tudo isso nas mãos de Jesus Cristo, nas mãos do Pai e sinto-me em paz profunda, na ação de

¹¹¹ *Madrid Marista*, suplemento ao n.º 71, abril de 1996, p. 15.

graças e no louvor total. Sei que não há mãos melhores que as de Deus e é nelas que me coloquei».¹¹²

Tal obediência é bela, digna do homem, faz o homem, produz fruto em abundância, é benéfica para os outros. Ele se situa no amor, é amor, gera amor.

É uma grande profissão da paternidade de Deus, ato de confiança, que é adoração amorosa do Pai. É deixar que o Cristo coloque em nós seu coração e tornar-se totalmente disponíveis a seu Espírito. Basílio vivia o grande mistério que tinha revelado aos Irmãos na circular sobre *A Obediência*, que “Jesus Cristo é eu, e eu sou Jesus Cristo, no sentido mais profundo da palavra”.¹¹³ Um com o Cristo e, portanto, Irmão universal. É o que dizem os inúmeros depoimentos relatados no livro *O Estilo de uma Vida*.¹¹⁴

¹¹² Message enregistré par Basilio un mois avant de mourir; dans *Quemar la Vida*, pp. 306-307.

¹¹³ *Circ. A Obediência*, p. 37.

¹¹⁴ *O Estilo de uma Vida*, de José Flores (Chepo), impresso no México, 1998.

TEXTOS

1. Por uma obediência dinâmica

Há outro elemento maravilhoso nessa vontade de Deus. Deus quer que sejamos salvadores de nossos Irmãos, salvadores unidos a seu Filho na redenção e na transformação do mundo. Não somos apenas chamados a um papel passivo, embora seja muito bonito: o da acolhida. Não, nós somos chamados a nos pôr a caminho com ele para realizar o Reino, criar um mundo melhor, um mundo digno dos homens, um mundo de homens de boa vontade sobre os quais possa descer a paz.

Olhemos Maria, a mulher ideal. Num tempo em que só se pedia à mulher que tivesse um papel passivo, ela se encontra empenhada num movimento extraordinário de caminhada para frente, para um mundo novo, sem dúvida, apenas comparável ao de Paulo. Com seu sentido da contemplação, que aparece nos evangelhos da infância, e com seu sentido de iniciativa, que aparece em Caná e no Calvário sobretudo, ela é aquela que acolhe a iniciativa do Senhor, mas por um dinamismo extraordinário, da Visitação ao Pentecostes: mulher forte, que impede qualquer interpretação demasiadamente quietista, todo excesso de passividade na obediência.

É necessário, portanto, captar o comprimento de onda da vontade divina e ficar bem ligado a ela, senão a vida verdadeira não passará. Continuar-se-á a crer que a alegria é truque, que ela depende de uma técnica ou da inteligência. Haverá sempre desses religiosos que buscam a libertação na psicologia; que têm seu microprojeto individual, suas fantasias, vítimas inteiramente preparadas pelas motivações da propaganda, que buscam a si próprios, portanto, são decididamente incapazes de sair do mundo dessa ética individualista que o sufoca, faz algumas décadas. Filhos, o quê! sem nenhuma idéia do que lhes é útil ou prejudicial». (Circular sobre *A Obediência*, pp. 29-30).

2. A vontade de Deus, único meio de cristificação

Então, o que acontece? Que a vontade de Deus vai colocá-los numa situação que não lhes será natural, que estará acima de seus meios. Apenas isso: a vontade de Deus compõe-se de dois elementos: há minha natureza, que acredita, e há também o incompreensível: uma incrível ajuda de Deus, que a fé simples de outrora acolhia tranquilamente, e que na “descrença” de hoje, é

difícil compreender. É necessário dizer que a fé passou por um endurecimento do tímpano, que é uma verdadeira provação. Mandem David Oistrakh, o melhor violinista do mundo, trabalhar oito dias na mina, com uma britadeira e verão como sairá o concerto seguinte! O músico ficará marcado por longo tempo, embotado. Pois bem, na vontade de Deus, há uma infinidade de nuances que não têm sua explicação em termos claros. Apenas uma grande finesse espiritual pode adivinhá-las. Digam-me, por exemplo, se vocês podem explicar, racionalmente, por que Deus enviou à morte o próprio Filho!

Se quisermos racionalizar a vontade de Deus, de maneira que nossa pequena idéia seja a medida e o critério para discernir essa vontade, perdemos o tempo. Aceitaremos a vontade do Pai naquilo que nos parecer bastante mole, mas não no que for duro. E no entanto, é nisto que se realiza mais profundamente nossa cristificação. Não tenho a mínima vontade de fazer endossar precipitadamente à vontade de Deus todas as loucuras dos homens, por exemplo, a de mandar sem refletir... Muitas coisas acontecem contra a vontade do Pai, apesar do poder do Pai... Porque não somos marionetes e porque ele leva a sério nossa liberdade. A história da salvação ele a confia realmente à livre vontade dos homens e à direção de seu Espírito. E nós podemos de fato obstaculizar o plano de Deus. A grandeza de Deus consiste em jogar com essa liberdade humana – que é liberdade verdadeira – com esse homem que realmente tem o poder de agir mal – mesmo se Deus não quer que proceda mal. (Circular sobre *A Obediência*, pp. 32-33.)

3. O caminho em direção à vontade de Deus

A vontade de Deus não se apresenta sempre de maneira clara. Uma das características da condição humana é exatamente necessitar de mediações para descobrir essa vontade. E não é mediador quem quer. Posso viver muito tempo com alguém e mesmo gostar bastante dele sem poder dizer, para tanto, qual é a vontade de Deus a seu respeito. Certas pessoas – e não é caso raro – quereriam ter uma espécie de certeza matemática a respeito da vontade de Deus, quereriam construir uma série de silogismos para se persuadir que fazem a vontade de Deus seguindo finalmente um capricho. Esse não é o caminho para chegar à vontade de Deus. O verdadeiro caminho é este:

Deus, acima de nós, é amor que se dá a mim em forma de mistério, que se dá a mim como tarefa, que é primeiramente descoberta, depois paixão de amor, depois realização. Posso recusar-me a essa vontade de Deus, mas se a

procurar, a encontrarei com certeza...

Deus se dá a nós como dom e como graça e aguarda nossa resposta.

Nossa resposta é empregar a liberdade para abraçar sua vontade, que é nosso bem, nossa felicidade, nosso futuro. Assim, o ajudamos a realizar seus planos em nós para nossa alegria e fecundidade. Enquanto não tivermos descoberto esse modo da vontade de Deus, o jogo divino de nossa vida se passa com os deuses gregos, não com o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. (Circular sobre *A Obediência*, pp. 28-29).

4. Uma verdadeira paixão pela vontade do Pai

É acrescento simplesmente: a formação que bastava para que um religioso pudesse praticar a obediência na etapa precedente, digamos na concepção clássica da obediência, hoje é totalmente insuficiente. Nem os religiosos formados há cinquenta anos, nem os formados há cinco anos foram formados para a nova etapa que se abre à obediência, e, exceto para alguns santos, nem uns nem outros estão preparados a obedecer no sentido do termo, tal como se descobre em nossos dias.

Nessa nova visão da obediência, é inteiramente necessária outra densidade de vida espiritual, de maior pureza de intenção, de renúncia ao egoísmo, de vontade total para seguir os caminhos do Senhor, uma verdadeira paixão pela vontade do Pai. E justamente aí está o drama. Quisemos instaurar um novo sistema de obediência – que é o verdadeiro – mas ele chega numa hora que o torna difícil, porque chega no momento em que se perdeu, em grande parte, o sentido da oração, em que a fé entrou em crise, em que nos invadiu não a boa secularização – que se faz grega com os Gregos e bárbara com os Bárbaros, para levar Jesus Cristo a todos – mas um secularismo frívolo, que tira o sabor ao sal e o dinamismo ao fermento; em que o Evangelho é substituído por uma psicologia que é simplesmente destrutiva. Seja como for, não temos escolha. O diálogo é o utensílio indispensável da nova forma de obediência, e ele deve ser freqüente, até mesmo habitual! (Circular sobre *A Obediência*, pp. 105-106).

5. Obediência construída sobre um diálogo sereno

Falo de um diálogo sereno, do estilo, aliás, a que se deveria chegar em comunidade. Mas se um Irmão não é capaz de se abrir ao Superior, em diálogo evangélico, como se abrirá perante a comunidade? Caso se trate de

alguns passes de esgrima ou de algumas frases brilhantes, isso vai bem; mas se for questão de uma manifestação espiritual, que me revela em profundidade para que minha comunidade se torne verdadeiramente responsável pela minha vida, que caminhemos juntos, que me encarregue dos Irmãos e eles de mim, e que deveras queiramos nos colocar de acordo para buscar a vontade de Deus, é necessário que haja grande dose de caridade e que se joguem as cartas na mesa. Mas quantas comunidades chegaram a isso? Quantos Irmãos há que, passando por uma crise, falarão disso à comunidade? É por isso que é necessário, primeiramente, ser capaz de fazer com o Superior esse diálogo que é o vestíbulo da obediência.

Abraçar a vontade do Pai é atitude cujo crescimento depende de vários fatores nos que dão ordens e nos que as recebem: a maturidade humana, o grau de sinceridade... Porque com as mesmas palavras pode-se dizer tanto a verdade quanto a mentira. As palavras humanas são muitas vezes repletas de equívocos, e o que dissipa o equívoco é a progressão da sinceridade, da abertura, da comunicação, do espírito de fé, da vida de oração.

A virgindade não é possível sem a oração teologal, que inunda o coração de amor e lhe dá toda a sua força; mas o diálogo de obediência não é mais possível sem essa oração, e se quisermos deveras chegar a essa forma de obediência, não haverá outro caminho de acesso senão essa oração, que será ao mesmo tempo o caminho da maturidade. (Circular sobre *A Obediência*, pp. 107-108).

6. A obediência adquire-se

Se no passado houve o grave erro de transpor no terreno profissional, pastoral, apostólico, os dados e as leis da obediência cega, hoje existe o perigo inverso; preparam-se as pessoas para a obediência sem nenhum exercício. Campeões de atletismo que nunca fizeram ginástica!

Ninguém nasce sabendo rezar; aprende-se sob o sopro do Espírito e com os esforços pessoais. Ninguém nasce casto; adquire-se pouco a pouco um potencial de fidelidade e de autodomínio, que toma consistência em determinado momento. Ninguém nasce sincero, mas torna-se isso no decorrer de uma vida de autenticidade e de sinceridade. Não, nenhuma virtude está madura no nascimento, mas todas se desenvolvem a partir de um germe, mesmo as virtudes infusas.

Ninguém nasce obediente. E quem não quiser exercitar-se nunca aprenderá a obedecer. Suportará por bem ou por mal a vida religiosa até o momento em

que lhe ordenarão algo que não lhe agradará. E então, por mais clara que seja a vontade de Deus, ele mandará tudo às favas. À falta de exercício da obediência no período de formação, acrescentem a falta de fé e de densidade espiritual e vejam o que pode restar para agüentar em período de crise. É evidente que impor exercícios de obediência é impopular. Que os formadores se perguntem se é uma razão suficiente para economizar uma vitamina tão essencial ao organismo espiritual do religioso. Temos obedientes para superiores perfeitos e para situações medianas ou médio-inferiores; temo-los para superiores difíceis e para situações acima da média? (Circ. sobre *A Obediência*, pp. 118-119).

7. A responsabilidade precede à obediência

Nós bem gostaríamos de ter apenas respostas simples a dar, mas as coisas não são tão claras assim, razão por que tudo isso exige análise e diálogo. Em outros termos, é necessário recorrer ao discernimento dos espíritos, isto é, fazer uma análise dos dados e depois, como sempre, agir com pureza de coração. Aquele que não tem o coração puro acha isso aborrecido porque, em todas as dificuldades da obediência prática, ele não tem saída vantajosa.

... O homem tem poder enorme de arrazoar e de justificar o que faz. Portanto, só será possível chegar a entender-nos mediante a fidelidade progressiva do coração, a autenticidade da palavra que quer se simplificar e denominar preto o que é preto, e branco o que é branco. E é por isso que é muito necessário, à medida que se forma a obediência ascética, não transferir suas responsabilidades.

Acontece, com efeito, de transferir suas responsabilidades. Ora, a obediência não é o meio elegante para um homem transferir suas responsabilidades perante Deus, graças à ordem de uma pessoa chamada superior. Eis aí um caminho estranho para fazer tranqüilamente o contrário da vontade de Deus: “O superior me deu licença. O negócio está feito!”

Até o direito canônico mais jurídico possível evita cair nessa armadilha. Ninguém tem o direito de pedir uma licença que não é da vontade de Deus. E se o superior deu uma licença indevida e se eu a pedi indevidamente, estou obrigado em consciência a não usá-la. Se eu a usar, a permissão não salvaguarda nem minha consciência nem meu voto, embora tenha todas as assinaturas possíveis. O superior não é uma cápsula de aspirina para anestesiar a consciência e permitir o que cada um quiser. (Circ. sobre *A Obediência*, pp. 123-124).

8. Responsabilidade, aspecto importante da obediência

Ressente-se cada vez mais como anormal que uma comunidade de consagrados, que fez do Evangelho a paixão de sua vida e objeto de suas ações, não possa ajudar diretamente seus membros a encontrarem a vontade do Senhor. Isso choca um espírito que reflete, mas enfim é a herança de um passado em que o exercício da autoridade se reduzia a uma dimensão muito individualista.

Em muitos religiosos há uma espécie de demissão a respeito da qualidade dos outros e de sua conduta; portanto, é dizer que, ainda menos, se tenha a preocupação com a comunidade como tal, no exercício de sua vida consagrada e no testemunho que deve dar à Igreja e ao mundo. Encontram-se, assim, religiosos que pessoalmente são excelentes religiosos, mas incapazes de dizer fraternalmente uma palavra sobre um procedimento da comunidade que, de modo evidente contradiz a vontade do Senhor. Sofrem com isso, vêm determinado Irmão ou toda a comunidade perder a qualidade ou a fidelidade, e mesmo abandonar valores fundamentais, ao abrigo, por vezes, de belas teorias, e não dizem nada. Toda ação profética, toda mediação lhes parece estar reservada ao superior que, sozinho, teria o encargo desagradável de endireitar sistematicamente o que não vai bem. (Circular sobre *A Obediência*, pp. 136-137).

9. A última carta

“A tantos amigos, que considero como meus irmãos, meus próprios irmãos, e como meus amigos mais amados... que compreendam que minha amizade não diminuiu em absolutamente nada; pelo contrário, com o tempo, tornou-se mais forte e carregou-se de afeição e de ternura.

Nestes anos fui feliz, muito feliz mesmo. A obediência foi para mim o caminho de base de toda a minha vida, e a experiência me ensinou que, graças à mediação dos superiores e às outras mediações complementares, o Senhor me conduziu por caminhos não habituais, e até um tanto anormais para um Irmão Marista, a trabalhar fora ou dentro da Congregação, com afeição, mas sempre sob o signo da obediência e sob a ordem dos superiores. Vivi sem um projeto pessoal de trabalho. Meu trabalho consistiu em assumir a missão e entregar-me a ela com toda a alma e de todo o coração. Ao me lembrar do grande número de lugares por onde passei, lugares inesquecíveis, os países mais variados, as situações sociais mais pobres ou mais ricas, casas cômodas, muito cômodas, onde me alojavam em suíte de apartamentos e

também em outros quartos bem pequenos onde foi necessário prever as instalações para minha chegada. Em toda a parte me senti em casa; recebi amor e afeição dos Irmãos e lhes dei tudo quanto o coração e as forças podiam dar...

Você está queimando a vida pelas duas extremidades (lembrava-me o Irmão Leônidas), e me remetia uma página inteira da revista *Life* em que figurava uma grande vela acesa pelas duas pontas.

E dei-lhe uma resposta, talvez um tanto insensata: “Isso foi sempre meu ideal”.

Queimar minha vida por Cristo e por minha Congregação, mesmo se isso deva encerrá-la em menos tempo do que poderia normalmente durar”.

Fiz bem? Fiz mal? Não me importo com isso. Coloco tudo isso nas mãos do Cristo Jesus, nas mãos do Pai e me sinto em paz profunda, na ação de graças e de total louvor. Sei que não há melhores mãos do que as de Deus e é nelas que me coloquei. Foi nessas mãos que se colocou o Cristo moribundo.

Hoje me encontro num hospital, há uns vinte dias. Houve um conjunto de sintomas e de mau funcionamento que acabaram por bloquear os dois rins. Os médicos fazem o possível para repor em ação pelo menos um; as hemodiálises ajudam para isso. Contudo ignoro qual será o resultado; parece que uma melhora é previsível. E a saúde também, se não total, pelo menos parcialmente.

Mas é igual: se o Senhor quiser orientar as coisas para outro caminho, aceito de bom coração. Estes dias, agradei-lhe o dom da vida, o dom da saúde, o dom da sua vida em Jesus Cristo, a vocação na Congregação Marista, e devo dizer que me senti muito feliz. Mas a coisa pela qual rendi graças foi o Mistério Pascal do Cristo, esse Mistério de morte e de ressurreição, que nos envolve e nos acolhe nos nossos próprios sofrimentos, nas nossas próprias enfermidades, e que os unifica verdadeiramente para a glória do Senhor e o bem da Igreja.

Ofereci tudo isso pela Igreja, pelos que sofrem no mundo, e que vemos dia após dia na televisão: guerras insensatas, coisas absurdas, crueldades inverossímeis. E quando vemos isso, nos damos conta de que nosso sofrimento em comparação é pouca coisa.

Pedi ao Senhor que realize em mim sua santa vontade, sem pedir-lhe outra coisa que isso. Supliquei-lhe, unicamente, que conserve em mim muito vigorosos e vivos o dom da fé, o dom da esperança, do abandono e o dom do amor. Isso não devido a meus méritos, porque, mais olho minha vida, mais encontro nela vazios, muitas fraquezas. Penso que todas, ou quase

todas, são involuntárias, mas estão aí, com todas as limitações. No entanto, não é em mim que deposito a confiança, nem em meus méritos, mas pura e simplesmente no sangue e na morte de Jesus Cristo, o Senhor.

Ofereci tudo isso também por meus amigos: esse grupo a quem estou escrevendo, e que receberão uma carta, que gostaria fosse mais personalizada... Que pelo menos esta carta lhes chegue para dizer-lhes que não os esqueço e que os tenho presentes na oração e no coração.» *(Sem data precisa, mas dezembro de 1995. A carta figura no depoimento do Ir. Victorino de Arce, chegado a Roma a 17 de fevereiro de 2003).*

10. A reeleição de 1976

O que se passou na cabeça do Irmão Basílio, a 7 de outubro de 1976, quando o Capítulo Geral lhe pediu para continuar, ainda por nove anos, o governo do Instituto?

Tratamos de assuntos em profundidade. Dado que sou tributário da abertura, da confiança de tantos Irmãos, não posso omitir-me. Vivi a função de Superior-Geral com profundo sentimento de indignidade. E de uma indignidade objetiva e fundada. Quantas vezes disse comigo mesmo: “Pobre Instituto! Pobre Superior-Geral! Antes do Capítulo, por ocasião da passagem pelo México, já tinha guardado alguns arquivos pessoais. Evidentemente, quando veio minha reeleição, foi realmente uma surpresa. A segunda eleição é mais terrível do que a primeira! mas era a maioria. Então, quase chorando – tive de fazer esforço para me conter – disse sim. E aconteceu-me então esta coisa curiosa, desconhecida até então: depois da cerimônia do Magnificat na capela, comecei a transpirar. Fui ao quarto e adormeci na cama. Então, o sistema nervoso acalmou-se um pouco. Continuei a acreditar que teria sido muito melhor para o Instituto que tivesse outro Superior-Geral. É muito duro e muito perigoso para um Instituto fazer carregar pela mesma pessoa todo o tempo da renovação. *(Entrevista colhida por Jean Dumortier, em Presença Marista, n.º 163, junho de 1985, p. 11).*

4

UM SANTO?

Fizemos um longo percurso com o Irmão Basílio. Nós o acompanhamos na graça que o conquistou, no olhar que dirigia ao Pai, a Jesus, o Senhor, ao Espírito. Descobrimos o grande espaço que dava no seu coração, depois na Congregação, á Boa Mãe; o conhecimento íntimo que tinha do Fundador. Entramos no mundo de sua oração, de seu amor, de sua sabedoria. Com ele, renovamos nossa compreensão da pobreza, da virgindade e da obediência: momentos de luz, de admiração e de conversão. Com certeza, Basílio é homem que atrai para Deus e dá ao mundo do espírito uma visão inteligente, positiva, cheia de desafios que fazem crescer para a plenitude da vida.

4.1. Um santo de hoje e para hoje

Temos de reconhecer a riqueza espiritual de Basílio. Fazemos isso de boa-vontade porque é homem de nosso tempo. Viveu conosco, dado que só faleceu em 1996. Mas o que o torna próximo a nós é a abertura e a simpatia que sempre manifestou ao mundo tal como evoluía. Homem culto, amava os valores da sociedade hodierna; nos falava com a linguagem franca de quem busca a verdade e a encontra nas asperezas do tempo que se vive tal como ele emerge na História. Não é moralizador, mas é, certamente, homem que propõe valores; que tem o senso da pessoa, da palavra empenhada, que conhece o homem frágil e, no entanto, capaz de grande generosidade.

É simpático porque se faz próximo de todos, na simplicidade, na grande quantidade de piadas que gostava de entremear nas palestras, e as numerosas peças que gostava de pregar aos amigos. Homem inteligente e homem da alegria, irmão entre os Irmãos, que oferece simpatia e amizade. Isso fazia parte de seu ideal de “ir balizando de amigos o caminho da vida”.¹¹⁵ Escritor de circulares notáveis, publicadas por grande número de congregações religiosas e que, muito naturalmente, depois das refeições, se metia a lavar os pratos ou a varrer o pátio. Homem à escuta dos problemas vividos pelos Irmãos, homem da acolhida, que sabe carregar as malas, acompanhar ao quarto os recém-chegados e dar uma olhadela para ver se não falta nada.

¹¹⁵ Circ. *A vida comunitária*, p. 176.

Vivia conosco, ele que olhava para frente a fim de ver nascer a aurora de um mundo religioso novo.

Era profeta porque era verdadeiro filho de Marcelino, com a mesma audácia; possuidor da mesma paixão de tornar Jesus Cristo conhecido e amado. Admirador de nossas origens, queria uma Congregação de espírito jovem, que soubesse colocar-se nas encruzilhadas da humanidade: «É necessário abriremos, com toda a alma, aos valores de nosso tempo».¹¹⁶ Esse convite o tinha feito com vigor desde a primeira circular: «Devemos ser homens de nosso tempo e em nosso tempo; sensibilizar vivamente a consciência de nosso momento histórico, permanecer no diálogo e comunhão que a Igreja estabeleceu com o mundo, particularmente estar à escuta para descobrir os sinais de nossa tempo... Unicamente sob a condição de nos compenetrarmos intimamente do espírito do Senhor e do espírito evangélico é que nos poderemos adaptar aos sinais dos tempos e dar resposta adequada».¹¹⁷ Na circular *Projeto Comunitário*, de 19 de março 1978, escrevia: «É necessário demolir os muros que cercam nossa casa». Esse eslóga encerra um fundo de verdade. É preciso abater certos muros para abrir os olhos sobre a história que estamos vivendo; para não ficar com antolhos que nos fixam aos problemas domésticos, impedindo-nos de respirar o ar livre do Reino de Deus».¹¹⁸

O Irmão Gildo Cotta, que o conheceu de perto, o julga assim: «Era personalidade excepcional: aliava a suavidade e a força, a prudência e a audácia, o amor às tradições sadias, à capacidade não somente de acolher todas as novidades úteis, mas de suscitar iniciativas de renovação. E não só em relação com as estruturas, mas também na concepção da vida espiritual individual e de todo o Instituto».¹¹⁹ E o próprio Basílio como se julga? Ao fazer alusão à graça recebida diz: «Isso me permitiu ser filho legítimo do passado, perfeitamente enraizado no presente e muito aberto ao futuro».¹²⁰ Sempre na descrição dessa graça, revela o equilíbrio de um apaixonado: «Do que precede, nasce uma exigência da busca apaixonada da vontade de Deus, numa comunhão eclesial generosa e indispensável. O amor à verdade, o discernimento dos sinais dos tempos, fazem encontrar novas vias de ação evangélica, numa lealdade sem fronteiras a respeito de Deus e do homem, até com o risco de sua própria existência». A impressão geral é de que o Irmão

¹¹⁶ Circ. 2 de janeiro de 1968, p. 131.

¹¹⁷ Circ. 2 de janeiro de 1968: *Um Capítulo para o mundo de hoje*, pp. 280-283.

¹¹⁸ Circ. *Projeto Comunitário*, na p. 91, o Irmão Basílio convida à abertura.

¹¹⁹ Ir. Gildo Cotta, Conselheiro-Geral com o Ir. Basílio Rueda, em *FMS-Mensagem*, n.º 19, p. 46.

¹²⁰ *Vida Consagrada, Religioso de Hoje*, Madri 1980.

Basílio está adiantado sobre muitos de nós e nos lança para frente; convidamos à confiança em Deus e à audácia para novas iniciativas apostólicas ou para um estilo mais fraterno de viver juntos: «Pode faltar tudo, exceto o amor!». ¹²¹

Possibilitar o conhecimento de Basílio, ou propô-lo aos cristãos de hoje como modelo, é realmente oferecer uma companhia e um exemplo atuais, que ajudam a viver nas vicissitudes de nosso mundo e de nossa Igreja. É homem que não só ajuda a não se considerar defasados num mundo que evolui muito rapidamente, mas que entusiasma por este mundo; que coloca em nós a alma do homem de hoje, sedento de saber, de tecnologia, de progresso, mas igualmente de justiça, de verdade, de valores que o iluminam quando prova o sentimento de estar desorientado. E a alma do homem moderno ele a saneou deixando o Espírito do Senhor invadi-la. Portanto, propõem-se ao homem de hoje, ao cristão de hoje, os valores humanos e espirituais tais como nossa sociedade os busca e dos quais ela sente necessidade.

4.2. A voz das testemunhas que o consideram santo

Tudo isto se refere aos capítulos precedentes e à convicção que criam. Mas é bom deixar a palavra às testemunhas para saber o que dizem sobre este ponto. Muitos asseveram ter encontrado um santo, outros que o invocam todos os dias. No fim do segundo mandato, Basílio lastima uma coisa: «Sinceramente falando, teria preferido ver um santo governar o Instituto...». Na conferência sobre a Palavra de Deus, Basílio ressaltou a diferença entre nós (ele inclusive) e os santos: «Ao tratar o assunto desta maneira, o objetivo de nosso encontro ganha muito, que é, penso, um apelo profundo a acolher a Palavra de Deus, em sua totalidade e sua intenção salvífica total. É esse o ponto crucial da questão: na realidade, a enorme diferença entre o santo verdadeiro e a maioria de nós, que denominamos crentes, é a plenitude, a integralidade, a totalidade dessa acolhida de Deus, que se torna Palavra em nossa própria carne e em nossa própria vida. Em nós, mais freqüentemente, a Palavra é como uma semente à espera, ansiosa para germinar, mesmo se a amamos com emoção, a meditamos, a rezamos e a partilhamos. Nos santos, ela apresenta-se como belíssima floração; mais ainda, como a Palavra de Deus que frutificou admiravelmente e se tornou nesse esplêndida». ¹²²

¹²¹ Circ. *A Vida comunitária*, p. 135.

¹²² Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 2.

Mas seu primeiro biógrafo, o Irmão José Flores “Chepo”, faz esta reflexão: «Com certeza, os santos não enxergam a si próprios e não dão valor ao que fazem; apenas se interessam pela vontade de Deus. Basílio não viu um santo governar o Instituto, mas muitos, sim, o viram; é possível que alguns dentre nós também não o tenham visto. Na realidade, é bem possível que um santo tenha governado o Instituto dos Irmãos Maristas durante dezoito anos». ¹²³

Os Irmãos que tiveram a oportunidade de se encontrar perto dele, por ocasião de sua última doença, consideram isso uma graça: «Sinto que foi verdadeiramente uma bênção ter estado com ele em seus últimos momentos. Mesmo nessa circunstância, era possível ver a confiança que Basílio depositava na vontade de Deus... e é algo que devemos aprender». ¹²⁴ É também a opinião do Irmão Léonard Ouellet, que principia seu depoimento com estas palavras: “Tive a vantagem e a graça de visitar, de assistir o Ir. Basílio em sua última doença no hospital do Carmelo de Guadalajara, em janeiro de 1996”. E conclui, depois de ter chegado o término: «Um excepcional homem de Deus, um santo nos deixou para encontrar no amor seu Deus, amado ardentemente». ¹²⁵ Outros Irmãos, informados da morte, entoam um canto de ação de graças:

“Prodigalizaste a vida numa plenitude de bondade,
aos teus como aos estranhos, sem distinção;
semeador de verdade,
testemunha que esparge luz em todo caminho.
Luz e Verdade são os pólos de tua vida;
explicam o estilo de tua vida,
tu que rezas, a exemplo de Maria.
Tu mudaste em vida uma torrente de luz,
presença que inspira confiança,
no viver cotidiana de muitos.
Deste a todos ilimitadamente.
Tocha, luz suave, perfume sutil.
Obrigado, por seres a testemunha do Deus do amor”. ¹²⁶

Alguns Irmãos manifestaram os sentimentos que experimentaram ao conhecer a decisão do Conselho Geral de introduzir a causa. Do Canadá, o

¹²³ *Queimar a Vida*, p. 245.

¹²⁴ *O Estilo de uma Vida*, p. 142, Eduardo Preciado Rábago.

¹²⁵ *FMS-Mensagem*, n.º 19, maio 1996, pp. 11-12.

¹²⁶ *O Estilo de uma Vida*, p. 156, Ir. Roberto Ji, menez.

Ir. Borromée Caron escreve: «Quando soube que o processo de canonização estava inscrito... alegrei-me e, com sinceridade, invoquei esse campeão da fé... Inscrevo-me, muito humildemente, entre seus amigos...». Ao mesmo tempo, remete um pedaço de papel com uma brincadeira do Irmão Basílio e sua assinatura: *Un perro sin dueño*. Pedaço de papel que considera uma relíquia.¹²⁷ Dessa mesma data é também uma mensagem do Ir. Arthur Dugay, acompanhada de uma carta e de uma foto de Basílio quando este escreveu à mãe desse Irmão e depois a visitou: «Rezo pelo bom êxito de suas diligências pela canonização desse santo homem, que foi o Ir. Basílio Rueda».¹²⁸ O Irmão Spiridion, do Ruanda, remeteu-nos carta registrada, que o Irmão Basílio lhe tinha enviado em agosto de 1994.¹²⁹ Acompanham estas linhas: «Bom-dia! A notícia da decisão do Conselho Geral de introduzir a causa de canonização do Irmão Basílio Rueda encheu-me de alegria. Julgo-o santo de verdade».¹³⁰ Ao receber o livro *Quero despertar a Aurora*, o Irmão Nicolas Dellatolas, de Atenas, revela seus sentimentos: «... esse testemunho vivo, convincente, digno de um homem como Basílio Rueda. Temos nele um novo exemplo de virtude, um verdadeiro modelo de superior, de educador e de Irmão Marista».¹³¹ O Irmão Jesús Bayo Mayor termina assim três densas páginas de recordações e de admiração: «É por isso que ousou testemunhar que o Irmão Basílio era homem de Deus, fruto maduro da graça e do Espírito, que lhe tinha inundado em torrentes o coração, para que o amor atingisse a nós, que tivemos a oportunidade de estar a seu lado e receber o desafio de imitá-lo no seguimento de Jesus Cristo, como Maria e Marcelino».¹³² O Irmão Gabriel Michel, seu secretário-geral de 1967 a 1976, responde assim à pergunta: *Saber que, muito provavelmente, a causa do Ir. Basílio Rueda vai ser introduzida, que sentimentos isso suscita em você?* – Isso me traz grande alegria. Estou convencidíssimo de sua santidade, ela é tão evidente».¹³³ O Irmão Alessandro di Pietro, Procurador e Postulador-Geral durante o primeiro mandato de Basílio, ao receber o livro *Basílio, um outro Champagnat*, exprime sua gratidão: «Muitíssimo obrigado pela remessa da pequena biografia do Irmão Basílio: considero isso como uma visita muito agradável

¹²⁷ Ir. Borromée Caron, testemunho de 19 de novembro de 2002.

¹²⁸ Ir. Arthur Dugay, testemunho de novembro de 2002.

¹²⁹ Gostaria de fazer notar que o francês do Ir. Basílio, espontâneo, visto que o registro foi em Madri, é correto, rico e sustenta uma carta de três quartos de hora.

¹³⁰ Carta de 4 de outubro de 2002.

¹³¹ Cartão postal de 12 de outubro de 2002.

¹³² Depoimento de 7 de outubro de 2002.

¹³³ Entrevista de 23 de março de 2002.

de uma pessoa querida...». ¹³⁴ Encontrando-se de passagem por Roma, na Casa Geral, o Irmão Estêvão Müller, da Província de São Paulo, em conversa à mesa, diz:

«Basílio era realmente um santo homem!». ¹³⁵ Do Zimbábue, o Irmão James Langlois remete uma página que recorda os momentos vividos com Basílio e a admiração que lhe tem. O último parágrafo de seu depoimento assevera: «Eis por que não tenho dúvida alguma de que Basílio era uma santa pessoa. Existia nele ampla evidência dos frutos do Espírito. O seu Impacto extraordinário entre nós, como também fora de nós, mostra indubitavelmente que agia pelo poder desse mesmo Espírito. Seu ensinamento, cheio de desafios, fala mais do que volumes, de seu relacionamento íntimo com Deus». ¹³⁶ Nas cinco páginas de seu testemunho, o Irmão Teófilo Minga lembra como Basílio era o homem da oração, do diálogo, da unidade, da tolerância, da disponibilidade e da escuta, bem como do respeito imenso pelas pessoas. Conclui: «Se nossos Irmãos são santos, que intercedem por nós no céu, não há dúvida alguma que Basílio é santo. É necessário que o façamos conhecer para mostrar ao mundo um santo de nossos dias». ¹³⁷ O bispo de Velletri, Dom Andrea Maria Erba, amigo de Basílio e seu colaborador na União dos Superiores Maiores, ao remeter carta de pêsames, diz: «A amável figura do Irmão Basílio Rueda permanece sempre em meu espírito como uma bênção, acrescida de um vivo sentimento de admiração e de gratidão». ¹³⁸ Poderíamos multiplicar reações semelhantes, mas concluamos com duas outras, a do Padre Raúl Soto Vásquez, que expressa esta opinião curiosa: «Sempre acreditei que seria nomeado Cardeal Irmão Leigo, devido à sua grande contribuição depois do Concílio. Disseram-me que se pretende introduzir sua “causa”. Nunca pensei nisso, e no entanto... sim! Era de fato santo. Penso que os santos deveriam ser como ele. Nunca duvidei de sua santidade». ¹³⁹ O Irmão Arnaldo Braguti é colombiano e passou longo período com o Irmão Basílio em Quinta Soledade, partilhando com ele toda a vida do noviciado: orações, cursos e até a baixela, onde muitas vezes era precedido por Basílio, tornando-se local de suas confidências. Depois de afirmar que viveu com um santo, conclui seu depoimento com estas palavras: «Caríssimo Irmão, tentei transmitir-lhe o que isso significou para minha experiência. De

¹³⁴ Carta sem data, mas que é de março de 2002.

¹³⁵ Conversa tida em 12 de fevereiro de 2002.

¹³⁶ Depoimento de 15 de novembro de 2001.

¹³⁷ Depoimento de 13 de outubro de 2001.

¹³⁸ *FMS-Mensagem*, n.º 19, maio 1996, p. 20.

¹³⁹ P. Raúl Soto Vasquez, M.Sp.S. (*Um Estilo de Vida*, p. 65).

uma coisa não deve ter nenhuma dúvida: o Irmão Basílio é santo para nossos dias». ¹⁴⁰

4.3. E dos que o invocam

Esses numerosos depoimentos coincidem com outros também numerosos, de pessoas que invocam Basílio todos os dias: «Isso não ocorre com outros: tenho sua fotografia sobre meu birô e em outros lugares comunitários e rezo por ele, mas sobretudo o invoco cada vez que o vejo». ¹⁴¹ O Irmão Gabriel Michel, outro amigo íntimo de Basílio e seu grande colaborador, procede da mesma maneira: «Estou convencidíssimo de sua santidade, ela é tão evidente. Aconteceu-me rezar por ele nos dias que se seguiram a sua morte. Mas depois invoquei-o sobretudo». ¹⁴² O Irmão Cláudio Girardi foi Provincial de São Paulo no tempo de Basílio, depois Diretor do Colégio Internacional em Roma, nos anos de 1975 a 1978; quando doente, foi constantemente visitado e encorajado pelo Irmão Basílio. À pergunta: «*Quais são seus sentimentos ao saber da introdução da causa do Irmão Basílio?*», respondeu: «Há tempo que aguardava essa decisão. Tenho a certeza de que Basílio é um grande santo. Senti grande alegria. Já solicitei muitas graças por sua intercessão. O Irmão Basílio faz parte de um grupo que, no céu, considero meus amigos: Ir. Peter Adrian, o Padre Jacquemin, o Ir. Olivier Sentene, o Ir. Franco Sportoletti, o Ir. Silvestre, um dos Irmãos anciãos de Velletri, e um grande número de Irmãos de minha Província, no total uma centena de Irmãos. É claro que entre todos eles o Irmão Basílio brilha como estrela de primeira grandeza. Durante 18 anos foi a presença viva do Padre Champagnat». ¹⁴³ Esse depoimento termina com longa oração de súplica ao Irmão Basílio, apresentada no fim deste capítulo. É também o que lemos em *O Estilo de uma Vida*: «Em sua morte, tive a impressão de que um santo nos deixara. Invoco-o todas as manhãs». ¹⁴⁴ O Irmão José Manuel Gómez, antigo Provincial da Colômbia, ao ter conhecimento da decisão de introduzir a causa, sente necessidade de se pôr a invocá-lo: «Ao saber que a causa ia ser introduzida, senti sua presença com grande alegria; é por isso que daqui em diante direi com amor: Irmão Basílio, roga por mim, roga por nós». ¹⁴⁵ Quanto ao Irmão Guy Lachance, outro

¹⁴⁰ *O Estilo de uma Vida*, p. 71.

¹⁴¹ Ir. Gildo Cotta, FMS-Mensagem, n.º 19, p. 46. Ir. Gildo Cotta, Conselheiro-Geral, grande amigo do Ir. Basílio.

¹⁴² *Quero despertar a aurora*, p. 40.

¹⁴³ Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

¹⁴⁴ *O Estilo de uma Vida*, p. 43.

¹⁴⁵ Depoimento, setembro de 2002, Manziana, Itália.

colaborador de Basílio nos retiros na África, não somente o invoca, mas fez diversas novenas e testemunha ter recebido as graças que solicitava: melhora da saúde de sua cunhada e, depois, de um dos irmãos. Sobretudo, é um Irmão que se tornou grande promotor do conhecimento e da admiração do Irmão Basílio junto aos jovens Irmãos em formação em Nairóbi. As Irmãs do Movimento Oásis conservam grande e especial veneração pelo Irmão Basílio, que sempre apoiou o Padre Rotondi, seu fundador, de quem era grande amigo e, sobretudo, foi ele que acolheu o último suspiro e tudo arranjou para os funerais. É por isso que, ao saber da morte do Irmão Basílio, escrevem: «... sentimos a necessidade de nos unir aos Irmãos Maristas nas orações em sufrágio e, juntos, também invocar o Ir. Basílio Rueda, ao mesmo tempo que invocamos o Padre Rotondi».¹⁴⁶ O Irmão Edouard Blondel, então Provincial da Bélgica, escreve uma carta circular aos Irmãos para lhes anunciar a morte do Irmão Basílio. Recorda os diversos momentos em que Basílio visitou a Província e a impressão que deixou: «Em sua vida, cedia grande espaço à ação. Entretanto, oração, contemplação, adoração, silêncio... eram outras tantas realidades que envolviam, impregnavam, sustentavam todas as suas diligências, atividades, viagens, seus encontros, trabalhos intensos, suas longas vigílias... Que todas as missas que faremos celebrar pelo repouso de sua alma... sejam ocasiões de ação de graças a Deus... porque QUEM É DEUS, PORTANTO, POR NOS TER AMADO ASSIM, AO NOS DAR O IRMÃO BASÍLIO?».¹⁴⁷ É esse Irmão que escreve também toda uma série de agradecimentos poéticos ao Irmão Basílio, dizendo no último: «Obrigado, Irmão Basílio, por ter sido nosso grande Irmão e aceitar de o ser ainda, intercedendo por nós».¹⁴⁸ Neste 5 de dezembro, me chega de Madri um depoimento, que responde a isso: «Considero a decisão (de introduzir a causa) muito apropriada. Em várias circunstâncias, a tinha sugerido, e outros Irmãos também. Com certeza, ele era santo, dos que denominamos confessores... Meu desejo é que a causa seja introduzida antes de o Senhor me chamar a si (esse Irmão tem 87 anos). Frequentemente me recomendo à sua proteção».¹⁴⁹

4.4. Uma decisão

Na verdade, o Irmão Basílio foi um fenômeno muito raro da graça de Deus

¹⁴⁶ Carta enviada ao Ir. Falchetto, em 9-2-1996, dossiê documentos.

¹⁴⁷ Carta circular de 23 de janeiro 1996. A última frase encontra-se em maiúsculas no original.

¹⁴⁸ *FMS-Mensagem*, n.º 19, maio 1996, pp. 55-56.

¹⁴⁹ Testemunho do Ir. Conrado Trascasa García, de 24 de novembro 2002.

entre nós. O Irmão Joaquín Flores Segura, seu Provincial no momento da morte, o diz muito bem: «Obrigado, Senhor, pelos exemplos e a vida de serviço do Irmão Basílio. Obrigado pelos dons que lhe concedeste, pelos frutos que teu amor fez surgir nele e em todos quantos o conheceram e com ele conviveram. Foi realmente um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, um bom Irmão Marista, que caminhou alegremente nas pegadas de Marcelino Champagnat. A nós agora de caminhar como ele na mesma esteira».¹⁵⁰ Andar sobre a trilha de Basílio é exatamente o que pede o Irmão Carlos Martínez Lavín, antigo Provincial e atualmente missionário em Cuba, no discurso de despedida: «Ele nos deixa a preciosa herança de seus ensinamentos, escritos nas circulares, e, sobretudo, no livro de sua vida. E nós temos o dever de torná-lo conhecido. Alguns membros desta assembléia acenderão uma vela para expressar, de um lado, nossa gratidão a Deus, e, de outro, nosso desejo e compromisso como indivíduos, como Província e como Igreja de converter esse dom em aurora de um dia ainda mais radiante».¹⁵¹

Para não perder sua lembrança, o México pensou imediatamente em escrever-lhe a biografia e coletar depoimentos. Assim, fomos enriquecidos com o livro *Queimar a Vida*,¹⁵² a biografia, e com o livro de depoimentos, *O Estilo de uma vida*.¹⁵³ São dois livros de base, dois tesouros. A Congregação editou um número especial do FMS-Mensagem¹⁵⁴ em que figuram, com dados biográficos e um grande sentimento de gratidão, numerosos depoimentos de amigos íntimos do Irmão Basílio. Muitas Províncias publicaram um número especial de sua revista.¹⁵⁵ Semelhante emoção, semelhante floração de testemunhos nunca se tinha visto na Congregação.

Nesse clima, o Conselho Geral decidiu abrir a causa em 5 de junho de 2002. Não foi decisão tomada do alto, foi antes o respeito pelo que era vivido no coração de muitos Irmãos e amigos. Ela tinha sido também precedida por aquela de dois Conselhos Provinciais do México, em 20 de dezembro de 2001. O texto do fax que dava essa notícia ao Superior-Geral diz: «*Causa de canonização do Irmão Basílio Rueda: Os Irmãos do Conselho Interprovincial das duas Províncias Mexicanas se reuniram. Chegamos às seguintes conclusões:*

¹⁵⁰ Ir. Joaquín Flores Segura, Provincial, México Central, em *FMS-Mensagem* n.º 19, pp. 6-7.

¹⁵¹ Ir. Carlos Martínez Lavín, em *México Marista*, n.º 10, p. 14.

¹⁵² *Queimar a Vida*, Ir. José Flores Chepo, México, 1997. Traduzido ao francês pelo Ir. Gabriel Michel com o título: *Luzes e Chamas de uma vida*. (Sem precisão de data e lugar de impressão).

¹⁵³ *O Estilo de uma Vida*, Ir. José Flores Chepo, México, 1998.

¹⁵⁴ *FMS-Mensagem*, n.º 19, de maio 1996 – Edelvives, Saragoça, Espanha.

¹⁵⁵ Por exemplo: *México Marista*, setembro–dezembro 1996; *Madrid Marista*, número especial, 1996, *Orientações*, agosto de 1996, Província de Leon, Espanha.

– Em primeiro lugar, vemos que a causa do Irmão Basílio Rueda deve ser lançada em nível de Instituto, visto que é bem mais conhecido e admirado fora de seu próprio país.

– Em segundo lugar, aceitamos que o México possa iniciar a causa para se integrar, depois, numa comissão internacional da postulação.

Foi por isso que nos metemos de acordo para solicitar ao senhor e a seu Conselho Geral, a autorização para começar os trabalhos da causa de canonização de nosso bem-amado Irmão Basílio. O sufrágio deu 12 votos a favor e uma abstenção...».¹⁵⁶

O Conselho Geral motiva sua decisão assim:

«Nas primeiras Vésperas da festa de nosso Fundador, 5 de junho, o Conselho Geral decide a abertura da causa do Irmão Basílio Rueda, nosso Superior-Geral de 1967 a 1985. Nascido no México em 1924, falecido no mesmo país em 1996, Basílio foi toda a sua vida homem universal. Superior-Geral durante um período tormentoso da Igreja, será o profeta e o artesão da vida religiosa, conforme o Vaticano II. Ele associava o gênio da amizade, a atenção às pessoas, a mão generosa, a inteligência penetrante e infatigável, o otimismo, o humor e será um dos mestres espirituais mais seguros. Conosco viveu as paixões de nosso mundo numa intimidade alegre com Deus. Ele nos diz que hoje amar o Cristo é possível e apaixonante».¹⁵⁷

4.5. Uma responsabilidade

Com certeza, Basílio foi uma grande graça concedida por Deus à nossa família religiosa. Todo dom, porém, implica a responsabilidade de fazê-lo frutificar. O primeiro aspecto de nossa responsabilidade é de *conhecer*, se não a fundo, pelo menos bastante bem o Irmão Basílio e seu pensamento. Daí os livros e brochuras que se publicam. Todo trabalho que será empreendido para levar adiante a causa, visa a demonstrar que Basílio é um santo, e, nesse caso, é *um tesouro que pertence a toda a Igreja*, a todo cristão. Nosso dever é pôr à luz e também *restaurar*. É trabalho minucioso, demorado. A Igreja exige que a demonstração da santidade se faça com rigor histórico-científico; que não se possa dizer que a Igreja leiloa a santidade e propõe modelos pouco fiáveis. A honra de Cristo também está em jogo, porque quanto mais se demonstra sua influência sobre uma pessoa humana, quanto mais se põe em evidência como o Espírito torna fecundo um coração humano, tanto mais Deus é glorificado. Um santo é sempre obra-prima de Deus, mas sua vida se desenrola num contexto histórico e é mediante a soma de fatos comprovados que se acaba

¹⁵⁶ *Quero despertar a aurora*, p. 10.

¹⁵⁷ *Quero despertar a aurora*, p. 5.

por admitir a santidade de um servo de Deus. Reconhecido pela Igreja, um santo se torna oficialmente caminho seguro para Deus, uma riqueza da humanidade que convida todo o mundo a realizar mais profundamente sua vocação de pessoa ou, como dizia Basílio: “mais é sempre possível”.

Esse aspecto do conhecimento é importante, ajuda a fazer entrar o servo de Deus *no coração, na oração*. Nós, Maristas, normalmente deveríamos ter contato cotidiano com nossos modelos de santidade. Não apenas pelas breves invocações da manhã, mas por momentos pessoais de intimidade, embora curtos. É nesses momentos que a amizade se tece sob medida, aquela de que necessito e corresponde a meu caráter, a meus dons, à minha caminhada para o Senhor, com suas quedas e retomadas. Esses *momentos de amizade* são também *momentos de revelação* em que chego a melhor conhecer e estimar o amigo.

É para rezear que, em nossa família, excetuando Marcelino, o Fundador, os demais modelos: Francisco, Alfano, os mártires da Espanha, Henri Vergès, os quatro Irmãos de Bugobe, Basílio e outros, sejam pouco conhecidos, portanto, também pouco invocados, que não morem no coração. Caso seja essa a situação, não temos esperança que Francisco, Alfano, Henri... cheguem à beatificação. Sinceramente, pode acontecer que a ausência de bem-aventurados entre nós seja sinal de outra ausência: os que desejaríamos que fossem santos não estão em nossos corações. *A oração, o diálogo, a intimidade, os breves momentos de amizade com os nossos modelos são indispensáveis* e são sinais de um tônus espiritual sadio, constituem a melhor prova da fama de santidade. Pode-se alcançar o título de *venerável*, portanto, de heroicidade das virtudes, por um trabalho técnico bem-feito pela equipe de postulação, do tribunal diocesano e da congregação dos santos. Mas *somente a oração abre o caminho da beatificação e da canonização*. Milagre algum cai do céu como meteorito. É necessário pedir com fé, perseverança e humildade.

A responsabilidade é completa quando se torna *imitação*. Ora, Basílio está muito perto de nós, não nos desorienta, teve de fazer face a situações que são as nossas. Um ponto é sempre imitável, que é o coração da santidade: é a arte de amar. Não somos chamados a longas vigílias, nem a escrever milhares de cartas, nem a pregar retiros... Mas todos somos chamados ao amor. Nesse domínio, Basílio, Francisco, Alfano, os mártires, nos dão o tom exato. *No santo, o que não envelhece é o coração*. Colocar-nos no caminho do amor é também nosso melhor agradecimento a Deus.

4.6. Obrigado, Irmão Basílio

- Por ter aceito duas vezes, por eleição da Assembléia Capitular, ser nosso Superior-Geral, encarregando-se de responsabilidade muito pesada e exigente;
- Por ter sido durante 18 anos, um Padre Champagnat para nós: você nos amava, nos inspirava, exatamente como ele fazia com seus primeiros discípulos e Irmãozinhos;
- Por suas grandes e longas viagens, às vezes urgentes, às vezes perigosas, sempre semelhantes a caminhadas de amor;
- Por ter sido trabalhador infatigável e insaciável em comunicar aos Irmãos suas mensagens claras e límpidas a favor dos jovens, dos pobres, da justiça, da comunidade, da Igreja;
- Pelo tempo consagrado ao menor dentre nós, ao mais jovem como ao mais idoso, por carta, por telefonema, por visita, por mensagem inesperada, por gesto fraterno inverossímil;
- Pela sua alegria tão comunicativa, seu sorriso jovial, suas brincadeiras tão finas e benfazejas, seu linguajar substancial;
- Pelo exemplo de sua vida de oração intensa, sua manifesta fidelidade à presença de Deus, sua sede imensa de adoração e de contemplação;
- Pelo mistério de amor e de unidade de que foi portador, profeta e realizador lá onde estava de passagem, seja às pressas, seja como hóspede esperado e retido;
- Por ter sido Irmão universal de todos e de cada um, e de ter lutado para que a fraternidade universal nos habite; pela sua discrição e seu respeito em todo encontro, em toda comunicação, em toda exigência e em todo pedido;
- Por ter salvo de todo esquecimento e abandono o Patrimônio Marista de Notre Dame de l’Hermitage e nos ter dado a oportunidade de sempre encontrar aí o Padre Champagnat, o Irmão Francisco e os primeiros Irmãos;
- Obrigado, Irmão Basílio, por ter sido nosso grande Irmão e aceitar de AINDA O SER, intercedendo por nós.¹⁵⁸

4.7. Oração de um Irmão

Quero concluir meu depoimento com uma oração:

«Irmão Basílio, nosso amado Basílio, pensamos em você. Lembra-se quanto sofreu nesta terra, quando não conseguia, apesar de todos os esforços, levar o Instituto a viver generosamente, em sua totalidade, a grande vocação a que Deus nos chamava; você sofreu devido à mediocridade de muitos elementos doentes; você padeceu devido aos abandonos e à

¹⁵⁸ Ir. Edouard Blondel, em *FMS-Mensagem*, n.º19, maio 1996, pp. 55-56.

falta de vocações, e se sentiu impotente perante tantos males... Basílio, agora você está no céu; é nosso grande Irmão Basílio, de quem todos os Maristas daqui embaixo se ufanam. Hoje, está perto de Jesus, perto do Pai, perto da Mãe. 'Vamos, Basílio!', é tempo de as coisas mudarem, senão o Instituto que você tanto amou se extinguirá, e o sonho de Champagnat, de nos ver presentes em todas as dioceses do mundo... vai morrer pelo caminho.

*Interceda junto ao Deus Trindade, à Mãe de Deus, a José e a Champagnat: você os encontra constantemente! Está na hora. Diga-lhes que nós, os Irmãos vivos, não gostaríamos de morrer sem ver a ressurreição de nossa Congregação. Vamos, Basílio! Você que foi tão amigo de todos nós, ouça-nos. Amém.*¹⁵⁹



¹⁵⁹ Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 19-12-2002.

ORAÇÃO

Deus, nosso Pai,
vós destes ao vosso Irmão Basílio
um coração magnífico,
uma inteligência penetrante,
e uma grande paixão pelo vosso reino.

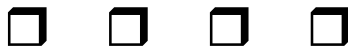
Seu coração era fonte de generosa amizade,
sua inteligência sabia resolver nossos problemas,
sua paixão por vosso reino renovou nossa família marista.

Nós vos damos graças
por esse dom precioso que foi Basílio
para a Igreja, para numerosos amigos e para nós.

Permiti-nos chamá-lo em nosso socorro
quando a dúvida paira sobre nossas vidas,
quando a doença, os problemas ou os anos nos angustiam.
Sobretudo vos pedimos neste momento para...

E vós, Maria, Boa Mãe,
a quem Basílio dedicou uma de suas mais belas circulares,
intercedei também por nós.

Pai, que nossa oração glorifique,
a Vós, ao vosso Espírito Santíssimo
e ao vosso Filho, Jesus Cristo,
por meio de quem vos rogamos. Amém.



ÍNDICE

<u>1 O voto de pobreza</u>	<u>3 - 21</u>
1.1. Os testemunhos	3
1.2. Os sinais	6
1.3. No universo da pobreza evangélica	7
1.3.1 Criados para ser ricos	8
1.3.2 A pobreza evangélica	8
1.3.3 Não é escolha humana	9
1.3.4 O coração da pobreza evangélica	9
1.3.5 Necessidade de conversão	10
1.3.6 Mas a pobreza tem corpo	10
1.4. A pobreza de um Superior-Geral	11
1.4.1 Conscientizar	12
1.4.2 Dinamizar	13
1.4.3 Provado na amizade	14
Textos	16
<u>2 O celibato consagrado</u>	<u>22 - 35</u>
2.1. O homem	22
2.2. O pensamento	25
2.2.1 O coração do voto	25
2.2.2 Coração e corpo	28
2.2.3 Alguns princípios sadios	29
Textos	32
<u>3 A obediência: Paixão pela vontade de Deus</u>	<u>36 - 54</u>
3.1. O mandamento da renovação	36
3.2. Uma circular preciosa	39
3.3. A obediência de um Superior-Geral	40
3.4. E momentos mais evidentes	43
Textos	47
<u>4 Um Santo?</u>	<u>55 - 68</u>
4.1. Um santo de hoje e para hoje	55
4.2. A voz das testemunhas que o dizem santo	57
4.3. E dos que o invocam	61
4.4. Uma decisão	62
4.5. Uma responsabilidade	64
4.6. Obrigado, Irmão Basílio	66
4.7. Oração de um Irmão	66
<i>Oração a Basílio</i>	68

**SE HOVER UMA
PESSOA
QUE EXCLUSIS
DE TEU CORAÇÃO,
O AMOR EM TI
ESTÁ MORTO.**

Autor

Ir. Giovanni Bigotto, Postulador Geral

Tradução

Irs. Aristides Zanella e Salvador Durante - fms

Original: *Cabier 5: Pauvreté, chasteté, obéissance. Un saint ?* – Março 2003

Editor

Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral - Roma

C.P. 10250, 00144 Roma, Itália

Tel.: (39) 0654 5171 – Fax: (39) 0654 517217

E-mail: publica@fms.it e gbigoitto@fms.it

Website: www.champagnat.org

© Instituto dos Irmãos maristas.

Janeiro 2005.

Impresso na Itália